

Retrato espiritual de
São Francisco de Assis

Paróquia São Francisco de Assis

Jacaré - SP

Diocese de São José dos Campos

Frei Wenceslau Scheper, OMF

Retrato espiritual de São Francisco de Assis

Paróquia São Francisco de Assis
Jacareí - SP

2020



Paróquia São Francisco de Assis

Diocese de São José dos Campos

*“Reconstrói a
minha igreja”*

25 ANOS PARÓQUIA
SÃO FRANCISCO
DE ASSIS

São Luiz Gonzaga / Sagrado Coração de Jesus
São Judas Tadeu / São José Operário / São Benedito
Divino Espírito Santo / São Pedro
Santa Teresinha do Menino Jesus / Sant'Ana
Imaculado Coração de Maria / Nossa Senhora das Graças

“VAI E RECONSTRÓI A MINHA IGREJA”

The graphic features a large, stylized number '25' in a metallic, 3D font with a gold and grey gradient. The number '5' is significantly larger than the '2'. Inside the '5', there is a smaller version of the parish logo seen in the top left. To the right of the number, the text 'ANOS PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS' is written in a gold, sans-serif font. Below this, a list of parishes is provided in a smaller, grey font. At the bottom of the graphic, the phrase '“VAI E RECONSTRÓI A MINHA IGREJA”' is written in a bold, gold, sans-serif font.

Edição em comemoração ao Ano Jubilar

Sumário

Introdução, 7

Siglas, 9

I — Algo do Retrato físico de São Francisco de Assis, 11

II — O penoso caminho da conversão de Francisco de Assis, 12

III — Sua vida segundo o Evangelho, 17

Epílogo, 148

Índice, 151



Introdução

São Francisco de Assis morreu com 45 ou 46 anos de idade. Destes anos passou 24 ou 25 numa vida mundana, frívola e sem sentido.

Bastaram-lhe apenas vinte anos para iluminar as trevas de seu século, quase esquecido de Deus, pois resplandeceu nele inesperadamente a luz do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo! “Brilhava como uma estrela” (1C, 1º livro, cap. 15, n. 37).

De fato, ele foi um homem extraordinário no seu tempo (1181/82 a 1226) e continua fascinando até hoje pessoas que procuram dar um nobre e belo sentido à sua vida.

A leitura atenta de suas biografias e a reflexão séria sobre os ideais de São Francisco poderão até provocar impactos e graves contestações.

O presente trabalho visa lembrar com simplicidade e sem comentários ditos e fatos marcantes da vida do grande Santo de Assis, a fim de que falemos diretamente ao coração.

Poucos terão a felicidade de adquirir o precioso livro com 1374 páginas sobre São Francisco de Assis, editado pela Editora Vozes.

A presente obra tenta fazer um pequeno retrato do santo Patriarca, mostrando-nos seus ideais.

Sempre é bom beber da limpidez e pureza nas fontes originais. Os ditos e fatos apresentados serão como um esqueleto, que o benévolo leitor ou conferencista tem que revestir com carne para comunicar vida e entusiasmo.

Oxalá, ajudem a descobrir, como num espelho, a alma do grande Santo de Assis.

São Francisco foi um “radical”, no bom sentido da palavra, pois assumiu o compromisso com o Evangelho até as últimas consequências.

Digamos:

São Francisco de Assis, pai e mestre, rogai por nós!

Siglas

- Adm – Admoestações
BLe – Bilhete para Frei Leão (Bênção a Frei Leão)
Cant – O Cântico do Irmão Sol
Csd – Considerações sobre os estigmas
1C – Tomás de Celano, Vida I
2C – Tomás de Celano, Vida II
3C – Tomás de Celano, Tratado dos Milagres
3Ct-a – Carta I a todos os custódios
4Ct-a – Cartas aos fiéis (primeira recensão)
4Ct-b – Cartas aos fiéis (segunda recensão)
6Ct – Carta a um ministro dos Frades Menores
7Ct – Carta a toda Ordem dos Frades Menores
DEg – Doutrina e Ditos de Frei Egídio
EV – Elogio das Virtudes
Fior – I Fioretti
LLe – Bilhete para Frei Leão (Louvores a Deus)
LM – São Boaventura, Legenda Maior
Lm – São Boaventura, Legenda Menor
LP – Legenda Perusina
OD – Opúsculos Ditados
1Rg – Regra Não-bulada da Ordem dos Frades Menores (Primeira Regra)

2Rg – Regra Bulada da Ordem dos Frades Menores
(Segunda Regra)
SMD – Suadação à Mãe de Deus
Sp – O espelho da Perfeição (Speculum perfectionis)
3S – Legenda dos Três Companheiros (Tres socii)
Test – Testamento

I

Algo do retrato físico de **SÃO FRANCISCO DE ASSIS**

“Como era bonito, atraente e de aspecto glorioso na inocência de sua vida, na simplicidade das palavras, na pureza do coração, no amor de Deus, na caridade fraterna, na obediência ardorosa, no trato afetuoso, no aspecto angelical.

Tinha maneiras simples, era sereno por natureza e de trato amável, muito oportuno quando dava conselhos, sempre fiel a suas obrigações, prudente nos julgamentos, eficiente no trabalho e em tudo cheio de elegância. Sereno na inteligência, delicado, sóbrio, contemplativo, constante na oração e fervoroso em todas as coisas.

Firme nas resoluções, equilibrado, perseverante e sempre o mesmo. Rápido para perdoar e demorado para se irar, tinha a inteligência pronta, uma memória luminosa, era sutil ao falar, sério em suas opções e sempre simples.

Era rigoroso consigo mesmo, paciente com os outros, discreto com todos (1C, 1º Livro, cap. 29, n. 83).

II

O penoso caminho da conversão

DE FRANCISCO DE ASSIS

O primeiro toque da graça divina, Francisco recebeu após uma juventude perdida em leviano mundanismo, por uma longa e inesperada enfermidade: “... começou a refletir consigo de maneira diferente [...] nem coisa nenhuma que é agradável de se ver conseguia satisfazê-lo. Admirava-se por isso de sua mudança repentina e começou a julgar loucos os que amam essas coisas” (1C, 1º Livro, cap. 2, n. 3).

“Pensamentos muito variados entrecruzam-se nele, importunando-o e perturbando-o duramente. Ardia interiormente pela chama divina e não conseguia esconder por fora o ardor de sua alma” 1C, 1º Livro, cap. 3, n. 6).

Apesar de sua “frivolidade”, tinha um coração generoso que se compadecia da miséria alheia.

Diz-se que a graça constrói sobre a natureza.

“Certo dia, estando na loja entretido na venda de panos, veio um pobre pedir esmola pelo amor

de Deus. Absorto como estava na ganância das riquezas, negou-lhe a esmola; mas logo, tocado pela graça divina, repreendeu-se por tanta dureza, dizendo: ‘Se aquele pobre tivesse pedido algo em nome de algum conde ou barão, com certeza o terias atendido, quanto mais não o deverias ter feito pelo Rei dos reis e o Senhor de todos!’ Pelo que, de então em diante, propôs em seu coração nunca mais negar o que pedissem em nome de tão grande Senhor” (3S, cap. 1, n. 3).

“Certo dia encontrou um cavaleiro, nobre de nascimento mas pobre e mal vestido; ficou com pena daquele homem, desfez-se imediatamente de suas vestes e deu-as a ele, poupando assim, num duplo gesto de caridade, ao cavaleiro a vergonha e ao pobre a miséria” (LM, cap. 1, n. 2).

Dois sonhos estranhos com visões o tornaram mais pensativo (cf. 3S, cap. 2, n. 4-6).

Sobretudo marcante foi o seu encontro com o leproso, que, apesar de sua repugnância, abraçou e beijou. Tornou-se um pai e benfeitor dos leprosos (cf. 3S, cap. 4, n. 11-12).

“A partir desse momento, frequentava os lugares solitários, propícios às lágrimas, aos gemidos inefáveis, de tal forma que suas instantes preces foram ouvidas pelo Senhor. Um dia, ao rezar assim na solidão e totalmente absorto em Deus, apareceu-lhe Cristo crucificado. Diante dessa visão, ‘derreteu-se-lhe a alma’ (Ct 5,6) e a recordação da paixão de Cristo gravou-se-lhe tão profundamente no coração, que a partir desse instante, dificilmente podia conter o pranto e deixar de suspirar quando pensava no Crucificado” (LM, cap. 1, n. 5).

Muito o comoveu a fala de Cristo crucificado na pobre igreja de São Damião: “Francisco, não vêes que a minha casa está em ruínas? Vai, pois e restaura-a para mim!’ Trêmulo e atônito, responde: ‘Com muito boa vontade o farei, Senhor’” (3S, cap. 5, n. 13).

Francisco não compreende o pedido e começa a reformar a igreja de São Damião.

Descobre o tesouro da Santa Pobreza. Anda pela cidade como um pobre, mendigando a sua comida de porta em porta. Dá tudo aos pobres. O pai fica indignado e castiga-o duramente, prendendo-o, mas a mãe o solta. Depois continua a sua vida como mendigo. O pai o acusa perante o bispo de Assis.

“Francisco tira todas as roupas e, colocando o dinheiro sobre elas, aparece nu diante do bispo, do pai e de todos os presentes e diz: “Ouçam-me todos e entendam: até agora chamei de pai a Pedro Bernardone, mas, como me propus servir a Deus, devolvo-lhe o dinheiro, que tanto o vem irritando, bem como todas as roupas, que dele recebi, pois de agora em diante quero dizer: Pai nosso que estás nos céus, e não o pai Pedro Berdardone” (3S, cap. 6, n. 20).

Tempos depois, encontra os discípulos: Bernardo e Silvestre. Procura conhecer a vontade Deus e abre por três vezes o Santo Evangelho; encontra as palavras de Jesus: “Se queres ser perfeito, vai e vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu”. “Não leveis nada pelo caminho”. “Quem quiser vir após mim, renuncie a si mesmo”.

“O Bem-aventurado Francisco deu graças a Deus as três vezes que se abriu o livro e se manifestara a vontade divina, confirmando seu propósito e desejo anteriormente concebidos. E disse aos já mencionados irmãos Bernardo e Pedro: ‘Irmãos, esta é a nossa vida e nossa regra e de todos os que

quiserem unir-se à nossa sociedade. Ide, pois, e fazei como ouvistes” (3S, cap. 8, n. 29).

A sua vida apostólica, porém, começou aos 16 de abril de 1208, quando, na igrejinha da Porciúncula, ouviu Cristo recomendar aos discípulos que não levassem no caminho nem ouro nem prata, nem sacola, nem alforje, nem pão nem cajado, e não usassem nem calçados nem duas túnicas...

É isso que eu quero cumprir – exclama Francisco – com todas as minhas forças (cf. 1C, 1º Livro, cap. 9, n. 22).

E nos poucos que lhe restaram da sua vida, percorreu o mundo como uma “estrela luminosa” provocando uma verdadeira revolução espiritual.

III

Sua vida segundo o

EVANGELHO

Ó glorioso Deus altíssimo, iluminai as trevas do meu coração, concedei-me uma fé verdadeira, uma esperança firme e um amor perfeito.

Dai-me, Senhor, o [reto] sentir e conhecer, a fim de que possa cumprir o sagrado encargo que na verdade acabais de dar-me. Amém.

“Altíssimo e glorioso Dio, ilumina te tenebre de lo core mio et da me fede drecta, speranza certa e caridade perfecta, senno et cognoscimento, signore, che faça lo tuo santo e verace commadamento”. Amem.

1. Serafim abrasado do amor divino – I

“Acho que vale a pena e vai ser bom falar um pouco das vocações particulares de São Francisco. Apesar de ser um homem devoto em todos os pontos, pois gozava da unção do Espírito, tinha especial inclinação por algumas coisas particulares.

Entre outras expressões usadas nas conversas comuns, não podia ouvir falar em amor de Deus sem sentir uma mudança interior. De repente, quando ouvia falar em amor de Deus, sentia-se excitado, tocado, inflamado, como se o som da corda exterior fizesse vibrar sua corda interior.

Dizia que era um nobre em prodigalidade retribuir o amor de Deus pelas esmolas e que eram pessoas muito tolas as que davam maior valor ao dinheiro. Ele mesmo observou sem nenhuma falha, até a morte, o propósito que tinha feito quando estava no mundo de jamais rejeitar um pobre que pedisse por amor de Deus. Uma vez um pobre lhe pediu por amor de Deus e ele não tinha nada. Pegou escondido uma tesoura e ia dar-lhe um pedaço de sua própria roupa. Não chegou a fazer isso porque foi surpreendido pelos frades, mas fez com que dessem outra coisa ao pobre.

Disse: “Temos que amar muito o Amor daquele que tanto nos amou” (C2, 2º livro, cap. 148, n. 196).

“Quem poderá exprimir a caridade ardente que abrasava o coração de Francisco, o amigo do Esposo? Parecia inteiramente devorado, como um carvão ardente, pelas chamas do amor de Deus. Logo que ouvia falar do amor do Senhor, ele se empolgava,

ficava comovido e inflamado, como se a voz que ressoava externamente fosse um arco a fazer vibrar internamente as cordas de seu coração.

Segundo ele, era uma prodigalidade digna de um príncipe uma tal compensação pelas esmolas recebidas e prova de loucura total preferir o dinheiro ao amor de Deus, pois a inestimável moeda do amor divino é a única que nos permite resgatar o reino dos céus.

Eis por que é necessário amar muito o amor Daquele que muito nos amou. Impelido dessa forma por todas as coisas ao amor de Deus, ele se rejubilava em todas as obras saídas das mãos do Criador, e graças a esse espetáculo que constituía sua alegria, remontava até Aquele que é causa e razão vivificante do universo.

Numa coisa bela sabia contemplar o Belíssimo e, seguindo os traços impressos nas criaturas, por toda a parte seguia o Dileto. De todas as coisas fazia uma escada para subir até Aquele que é todo encanto. Em cada uma das criaturas, como derivações, percebia ele, com extraordinária piedade, a fonte única da bondade de Deus entre as propriedades naturais dos corpos, e suas interações lhe pareciam uma música celestial; exortava todas as

criaturas, como o profeta Davi, ao louvor do Senhor” (LM, cap. 9, n. 1).

“Vinte anos após, desde o momento em que se havia conformedo perfeitissimamente a Cristo seguindo a vida e as pegadas dos apóstolos, o homem apostólico Francisco, no ano da Encarnação do Senhor 1226, dia 4 de outubro, domingo, voltou a Cristo, tendo conseguido, após muitos trabalhos, o eterno descanso, e apresentou-se dignamente diante do Senhor. Um de seus discípulos, famoso em santidade, viu sua alma subir diretamente ao céu como uma estrela do tamanho da lua, e quase tão brilhante como o sol. Elevava-se sobre muitas águas e tinha por baixo uma nuvenzinha branca.

Havia de fato trabalhado muito na vinha do Senhor, solícito e fervoroso nas orações, nos jejuns, nas vigílias, nas pregações e nas salutareis peregrinações, no trato e na compaixão dos irmãos, e no desprezo de si mesmo, desde o início de sua conversão até seu trânsito para o Cristo, a quem amara de todo o coração, tendo sempre presente sua memória, louvando-o com os lábios e glorificando-o com suas obras frutuosas. Amava tanto a Deus que, ouvindo falar seu nome, consumia-se todo em seu íntimo e clamava publicamente que o céu e a terra deviam inclinar-se ao nome do Senhor” (3S, cap. 17, n. 68).

Louvores a Deus

*“Vós sois o santo Senhor e Deus único,
que operais maravilhas.*

Vós sois o Forte.

Vós sois o Grande.

Vós sois o Altíssimo.

*Vós sois o Rei onipotente, Santo Pai, Rei do céu e
da terra.*

*Vós sois o Trino e Uno, Senhor e Deus, Bem
universal.*

*Vós sois o Bem, o Bem universal, o sumo Bem,
Senhor e Deus verdadeiro.*

Vós sois a delícia de amor.

Vós sois a Sabedoria.

Vós sois a Humildade.

Vós sois a Paciência.

Vós sois a Segurança.

Vós sois o Descanso.

Vós sois a Alegria e o Júbilo.

Vós sois a Justiça e a Temperança.

Vós sois a plenitude da Riqueza.

Vós sois a Beleza.

Vós sois a Mansidão.

Vós sois o Protetor.

Vós sois o Guarda e o Defensor.

Vós sois a Fortaleza.
Vós sois o Alívio.
Vós sois nossa Esperança. Vós sois nossa Fé.
Vós sois nossa inefável Doçura.
Vós sois nossa eterna Vida, o grande e maravilhoso
Deus, Senhor onipotente, misericordioso Redentor”
(Lle).

Bênção a Frei Leão

“O Senhor te abençoe e te proteja.
Mostre-te a sua face e se compadeça de ti.
Volva a ti, o seu rosto e te dê a paz.
Frei Leão, o Senhor te abençoe!” (BLE).

2. *Serafim abrasado do amor divino – II*

Tomás de Celano tece um longo comentário à aparição de Cristo Crucificado no Monte Alverne, voando com seis asas como um serafim. “...o Bem-aventurado pai São Francisco fez tudo isso com perfeição, e até reteve a figura e a forma do Serafim, porque perseverou na cruz e mereceu voar para a altura dos espíritos sublimes. Esteve sempre crucificado porque nunca fugiu de trabalho ou dor só para poder cumprir em si mesmo e consigo mesmo a vontade de Deus.

Os frades que conviveram com ele sabem, além disso, que estava todos os dias e continuamente falando sobre Jesus, e como sua conversação era doce, suave, bondosa e cheia de amor. Sua boca falava da abundância do coração, e a fonte de amor iluminado que enchia todo o seu interior extravasava.

Possuía Jesus de muitos modos: levava sempre Jesus no coração, Jesus na boca, Jesus nos ouvidos, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos, Jesus em todos os outros membros (2C, 2º livro, cap. 9, n. 115).

“A verdadeira piedade, que, na palavra do Apóstolo, é útil a todas as coisas, encheu o coração de Francisco, compenetrando-o tão intimamente, que parecia dominar totalmente a personalidade do homem de Deus.

Nasciam daí a devoção que o levava até Deus, compaixão que fazia dele um outro Cristo, a amabilidade que o inclinava para o próximo, e uma amizade com cada uma das criaturas, que lembra nosso estado de inocência primitiva.

Mas, embora atraído espontaneamente por todas as criaturas, seu coração o levava especialmente às almas resgatadas pelo sangue precioso de Cristo Jesus, e quando nelas percebia qualquer mancha de

pecado, chorava sua desgraça com uma sensibilidade tão patética que as gerava todo dia, como uma mãe, em Cristo” (LM, cap. 8, n. 1).

“Pouco depois de sua conversão e enquanto caminhava pela estrada, não longe de Santa Maria da Porciúncula, ele chorava e gemia em alta voz. Um homem de grande espiritualidade o encontrou neste estado e, temendo que padecesse de alguma enfermidade, interpelou-o: ‘Que tens, meu irmão?’ ‘Eu devia percorrer assim, sem envergonhar-me disso, o mundo inteiro, chorando a paixão do meu Senhor’.

Ouvindo estas palavras aquele homem começou a chorar com ele e a derramar copiosas lágrimas” (Sp, cap. 92).

Às vezes acontecia o seguinte: A suavíssima melodia de seu coração se exprimia externamente em palavras que ele cantava em francês e o que Deus lhe murmurava furtivamente ao ouvido extravasava em alegres cânticos franceses.

Às vezes pegava um pedaço de pau no chão, como vi com meus olhos, punha-o sobre o braço esquerdo, segurava na direita um arco de arame, passava-o no pedaço de pau como se fosse um violino e, fazendo os gestos correspondentes, cantava ao Senhor em francês.

Frequentemente essa festa toda acabava em lágrimas e o júbilo se dissolvia na compaixão para com a paixão de Cristo. Então começava a suspirar sem parar, dobrava os gemidos, e logo esquecido do que tinha nas mãos, era arrebatado ao céu” (2C, 2º livro, cap. 90, n. 127).

Francisco exortava seus irmãos: “Por isso, irmãos todos, vigiemo-nos muito a nós mesmos, a fim de não perdermos ou desviarmos do Senhor a nossa mente e nosso coração sob a aparência duma recompensa ou outra obra ou ajuda.

Mas na santa caridade que é Deus, rogo a todos os irmãos, tanto os ministros como os outros, removam todos os obstáculos e rejeitem todos os cuidados e solitudes, para, com o melhor de suas forças, servir, amar, adorar e honrar, de coração reto e mente pura, o Senhor nosso Deus, pois é isto o que Ele deseja sem medida.

E preparemos-lhe sempre dentro de nós uma morada permanente, a Ele que é o Senhor e Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, que diz: ‘Vigiai, pois, em todo tempo e orai, para que possais evitar toda desgraça futura e comparecer perante o Filho do Homem’ (Lc 21,36)” (IRg, n. 22, 22-25).

Carta aos fiéis

Nesta sua carta Francisco escreve: “E todos os homens e mulheres que assim agirem e perseverarem até o fim verão ‘repousar sobre si o Espírito do Senhor’ (Is 11,2), e Ele fará neles sua morada permanente (Jo 14,23), e eles serão filhos do Pai celeste (Mt 5,45), cujas obras fazem.

E eles são esposos, irmãos e mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Mt 12, 48-50). Somos esposos, quando a alma crente está unida a Jesus Cristo pelo Espírito Santo. Somos seus irmãos, quando fazemos a vontade de seu Pai, que está nos céus (Mt 12,50). Somos suas mães, se com amor e consciência pura e sincera o trazemos em nosso coração e nosso seio e o damos à luz por obras santas que sirvam de luminoso exemplo aos outros (cf. Mt 5,16)” (4Ct-b, n. 9,48-53).

3. Zeloso imitador de Cristo

“Por revelação divina, teve sua alma conhecimento de que, abrindo o livro dos Santos Evangelhos, Jesus Cristo lhe manifestaria de que modo deveria agir para ser mais agradável a Deus em si e em todas as coisas.

Com fervorosa oração, pois, se preveniu e depois mandou um de seus companheiros, homem devoto e de grande santidade, tomar o livro dos Evangelhos e abri-lo três vezes em honra da Santíssima Trindade. E como todas as vezes que se abriu o livro ocorreram páginas em que se fala da paixão de Cristo, logo compreendeu Francisco que, da mesma forma como havia imitado a Cristo nos principais atos de sua vida, assim também devia conformar-se com Ele nos sofrimentos e dores da paixão, antes de abandonar esta vida mortal.

Não se intimidou. Muito pelo contrário, embora esgotado pelas austeridades e pela cruz do Senhor que ele levava até aí, sentiu-se animado de um novo vigor para submeter-se a esse martírio. O incêndio do amor triunfava em belas chamas de fogo: rios d’água não poderiam extinguir uma caridade tão intensa” (LM, cap. 13, n. 2).

“Consideremos todos, meus irmãos, o Bom Pastor que, para salvar suas ovelhas, sofreu a paixão da cruz. As ovelhas do Senhor seguiram-no na tribulação, na perseguição, no opróbrio, na fome, na sede, na enfermidade, na tentação e em tudo o mais, e receberam por isso do Senhor a vida eterna.

É pois uma grande vergonha para nós outros servos de Deus terem os santos praticado tais obras, e nós querermos receber honra e glória somente por contar e pregar o que eles fizeram” (Adm, n. 6).

“Sua maior intenção, seu desejo principal e plano supremo era observar o Evangelho em tudo e por tudo, imitando com perfeição, atenção, esforço, dedicação e fervor os ‘passos de Nosso Senhor Jesus Cristo no seguimento de sua doutrina’.

Estava sempre meditando em suas palavras e recordava seus atos com muita inteligência. Gostava tanto de lembrar a humildade de sua encarnação e o amor de sua paixão, que nem queria pensar em outras coisas.

Precisamos recordar com todo respeito e admiração o que fez no dia de Natal, no povoado de Greccio, três anos antes de sua gloriosa morte.

[Lá foi feito o primeiro presépio, e na santa

missa celebrada lá mesmo ele pregou] dizendo coisas maravilhosas sobre o nascimento do Rei pobre e sobre a pequena cidade de Belém. Muitas vezes, quando queria chamar o Cristo de Jesus, chamava-o também com muito amor de ‘Menino de Belém’, e pronunciava a palavra ‘Belém’ como o balido de uma ovelha, enchendo a boca com a voz e mais ainda com a doce afeição. Também estalava a língua quando falava ‘Menino de Belém’, ou ‘Jesus’, saboreando a doçura dessas palavras” (1C, 1º livro, cap. 30, n. 84 e 86).

“O próprio Cristo era o único guia de Francisco em todo esse tempo” (LM, cap. 2, n. 1).

4. Francisco, homem da santa oração – I

“Costumava dividir o tempo que tinha recebido para merecer a graça de Deus e, conforme a oportunidade, consagrar uma parte ao auxílio do próximo e outra à contemplação no retiro.

Por isso, levou consigo muito poucos companheiros, os que melhor conheciam a sua vida santa, para que o protegessem da invasão e da perturbação das pessoas, e para que preservassem com amor o seu recolhimento” (1C, 2º livro, cap. 2, n. 91).

“Transformado não só em orante mas na própria oração, unia a atenção e o afeto num único desejo que dirigia ao Senhor.

De que suavidade não era invadido, ele que estava acostumado a orar desta forma! Só ele é quem sabe. Eu apenas posso admirá-lo. Apenas quem tem experiência disso pode saber; para os demais o mistério continua inacessível: com o espírito todo abrasado de ardor, o olhar a penetrar a alma absorva em êxtase, ele já se tornara cidadão dos céus” (2C, 2º livro, cap. 61, n. 95).

“Certa ocasião, o bem-aventurado e venerável pai Francisco afastou-se das multidões que todos os dias acorriam cheias de devoção para vê-lo e ouvi-lo e procurou um lugar calmo, secreto e solitário para poder se entregar a Deus e limpar o pó que pudesse ter adquirido no contato com as pessoas” (1C, 2º livro, cap. 2, n. 91).

“Afastado do Senhor pelo corpo, o homem de Deus, São Francisco, procurava fazer seu espírito estar presente no céu.

Concidadão dos anjos, só estava separado deles pela parede do corpo. Sua alma inteira tinha sede do

seu Cristo, e a Ele dedicava não só todo seu coração, mas também todo o seu corpo” (2C, 2º livro, cap. 61, n. 94).

“Tinha o santo hábito de oferecer a Deus o tributo das horas canônicas com temor e devoção. Embora sofresse dos olhos, do estômago, do baço e do fígado, não se permitia apoiar-se ao muro ou à parede ao recitar os Salmos, mas rezava as horas canônicas em posição ereta, sem capuz na cabeça, sem vagar com os olhos nem engolir sílabas. [...]

Julgava pecar gravemente se durante a oração se deixasse levar por vãs imaginações, e quando lhe acontecia isso, não se contentava com acusar-se dessa falta no confessional: queria também expiá-la o mais cedo possível...” (LM, cap. 10, n. 6).

Certo dia distraiu-se com um pequeno vaso que tinha fabricado. “...disse aos frades que o ouviam: ‘Que obra tola é essa, que teve tanta força sobre mim, para me distrair a atenção! Vou sacrificá-la ao Senhor, porque atrapalhou o seu sacrifício’. Dizendo isso, pegou a vasilha e a jogou no fogo. Ainda disse: ‘Envergonhemo-nos das distrações que nos arrastam quando, na oração, estamos conversando com o grande Rei’” (2C, 2º livro, cap. 63, n. 97).

5. *Francisco, homem da santa oração – II*

“...pois para ele era um consolo na meditação orar e percorrer as mansões celestiais, já como cidadão dos anjos, para procurar aí, com todo o ardor de seu desejo, seu Bem-amado do qual o separava unicamente a barreira da própria carne.

A oração era também sua defesa ao se entregar à ação, pois persistindo nela, fugia de confiar em suas próprias capacidades, punha toda a sua confiança na bondade divina, lançando no Senhor os seus cuidados.

Sobre todas as coisas, dizia, deve o irmão desejar a graça da oração e incentivar os irmãos por todas as maneiras possíveis a praticá-la zelosamente, convencido de que ninguém progride no serviço de Deus sem ela.

Quer andasse ou parasse, viajando ou residindo no convento, trabalhando ou repousando, entregava-se à oração, de modo que parecia ter consagrado a ela todo seu coração e todo seu corpo, toda sua atividade e todo seu tempo” (LM, cap. 10, n. 1).

“Compenetrado dessas verdades, jamais desprezava por negligência qualquer visita do Espírito; mas ao contrário, sempre que elas se

apresentavam, seguia-as cuidadosamente e, enquanto duravam, procurava gozar da doçura que lhe comunicavam.

Por isso, se estivesse caminhando e sentisse alguns movimentos do Espírito Santo, parava um momento, deixando passar os companheiros, para gozar mais intensamente da nova inspiração e não receber em vão a graça celeste.

Sua contemplação o levava muitas vezes a tão alto nível que, arrebatado e fora de si, sentia o que um homem não pode sentir e ficava alheio ao que se passava à sua volta.

Aconteceu em certa ocasião que, ao passar por Borgo San Sepulcro, [...] ia montado num jumentinho por causa da sua enfermidade, e as multidões saíram ao seu encontro. [...] Detido por essas turbas, [...] a tudo parecia insensível e como se seu corpo já estivesse inanimado.

Bem mais tarde, passado já o burgo [...] ele, como se voltasse de algum rapto de espírito, perguntava com solicitude se chegariam logo ao dito burgo...” (LM, cap. 10, n. 2; cf. 2C, 2º livro, cap. 64, n. 98).

“E homem de Deus, estando só e em paz, fazia ecoar os bosques com seus gemidos, regava o chão

com suas lágrimas, batia no peito e como se sentisse oculto, bem abrigado na câmara mais secreta do palácio, falava a seu Senhor, respondia a seu Juiz, suplicava ao Pai, entretinha-se com o Amigo.

Aí também muitas vezes seus irmãos, que o observavam piamente, ouviram-no interceder com repetidas súplicas diante da divina clemência em favor dos pecadores e chorar em altas vozes, como se estivesse presenciando a dolorosa paixão do Senhor. Uma noite também o viram na solidão orar com os braços estendidos em forma de cruz, estando seu corpo elevado da terra...” (LM, cap. 10, n. 4).

6. Francisco, homem da santa oração – III

“Vamos contar pouca coisa das grandezas de sua oração, que vimos com nossos próprios olhos, na medida em que é possível transmitir a ouvidos humanos, para imitação dos pósteros. Empregava todo o seu tempo nessa santa ocupação, para gravar a sabedoria em seu coração porque, se não estivesse sempre progredindo, achava que estava regredindo. [...]

As delícias celestiais tinham-no tornado incapaz de suportar as coisas grosseiras dos homens” (2C, 2o livro, cap. 61, n. 94b).

“Procurava sempre um lugar escondido, onde pudesse entregar a seu Deus não só o espírito, mas todo o seu corpo. Quando estava em lugares públicos e era visitado de repente pelo Senhor, para não ficar sem cela, fazia um pequeno abrigo com sua própria capa.

Às vezes, quando estava sem capa, para não perder o maná escondido, cobria o rosto com as mangas. Sempre interpunha alguma coisa aos circunstantes, para não perceberem o toque do Amado, e para poder rezar sem que o, percebessem...” (2C, 2o livro, cap. 61, n. 94).

“Quando voltava de suas orações particulares, em que quase se transformava num outro homem, esforçava-se para se assemelhar aos outros, para não perder o que tinha lucrado pela veneração dos outros, se se demonstrasse queimado de fervor.

Muitas vezes dizia [...]: ‘Quando um servo de Deus está rezando e é visitado por uma nova consolação de Deus, antes de sair da oração deve

levantar os olhos para o céu e dizer ao Senhor de mãos postas: Senhor, mandaste do céu para mim, que sou pecador e indigno, esta consolação e esta doçura. Eu a devolvo, para que a guardes para mim, porque sou um ladrão de teu tesouro.

E ainda: Senhor, tira-me o teu dom neste mundo e guarde-o para outro” (2C, 2º cap.65, n. 99)

“A oração é princípio, meio e fim de todo o bem: a oração ilumina a alma, e por ela discerne a alma o bem e o mal. Todo homem pecador deveria fazer esta oração continuamente, cada dia, com fervor de coração; isto é, suplicar a Deus humildemente que lhe dê perfeito conhecimento da sua própria miséria e dos seus pecados e dos benefícios que recebeu, e recebe dele, do bom Deus. Mas o homem que não sabe orar, como poderá conhecer a Deus?

E todos aqueles que se devem salvar, se são pessoas de verdadeira inteligência, é necessário por fim que se convertam à santa oração” (DEg,n. 11).

Francisco exalta os irmãos humildes, que por suas orações convertem os pecadores. “Estes irmãos são os meus cavaleiros da Távola Redonda. [...] Quando suas almas forem apresentadas pelos anjos do Senhor,

este mostrar-lhes-á o fruto e a recompensa de seus trabalhos [...] e lhes dirá: ‘Meus amados filhos, vede quantas almas foram salvas por vossas orações...’ (Sp, cap. 72).

7. São Francisco, o grande penitente – I

“Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo. E depois disto demorei só bem pouco e abandonei o mundo” (Test, n. 1, 1 -3).

“O seráfico pai tinha tão grande e fervoroso amor à paixão de Cristo e às suas dores, experimentando-as em si mesmo, e de tal modo se affigia interior e exteriormente com os mistérios de tão dolorosa paixão, que descurava de suas próprias enfermidades. Embora sofresse já há muito tempo, e até à sua morte, do estômago, do fígado e do baço e, depois que regressou do Oriente, sofresse também dos olhos, que estavam constantemente enfermos, não se tratava de modo algum.

Por isso, vendo o Senhor de Óstia quanto o santo era austero para seu próprio corpo [...], admoestou-o [...]: ‘...se tiveste compaixão de teus confrades enfermos, se te mostraste sempre compassivo e misericordioso para com eles, não deverás agora [...] ser cruel contigo mesmo...’ (Sp, cap. 91).

“Bem-aventurados os que morrerem na penitência, porque estarão no reino dos céus. Ai daqueles que não morrerem na penitência, porque serão filhos do diabo, cujas obras fazem, e irão para o fogo eterno. Vigiai e preservai-vos de todo mal e perseverai no bem até fim!” (IRg, cap. 22, n. 21, 7-10).

“Era a terra nua que quase sempre servia de leito a seu pobre corpo fatigado. Muitas vezes dormia sentado, usando uma pedra ou um tronco como travessiro, enquanto o único manto andrajoso lhe cobria o corpo. E assim servia ao Senhor. [...]

Alguém lhe perguntou certa vez como podia se proteger contra o rigor do inverno com agasalhos tão pobres, e ele respondeu cheio de estranho fervor de espírito: ‘Se tivéssemos internamente esse fogo que é o desejo da pátria celeste, não teríamos dificuldade em suportar o frio externo’” (LM, cap. 5, n. 1-2).

“Tinha horror de roupas caras e preferia as grosseiras, acrescentando que João Batista foi louvado por Cristo por causa de suas roupas rudes. Se a roupa que recebesse parecia muito macia, costumava coser-lhe por dentro pedaços de cordas grosseiras porque, dizia ele, é nos palácios dos ricos que devemos procurar os que usam roupas finas, e não nas choupanas dos pobres. Sabia de própria experiência que os demônios ficavam aterrorizados ao verem pessoas vestidas com rudes, ao passo que vestes ricas ou macias lhes davam coragem para atacarem mais afoitamente” (LM, cap. 5, n. 2).

8. São Francisco, o grande penitente – II

“Francisco, o homem de Deus, via que por seu exemplo muitíssimos se sentiam encorajados a levar a cruz de Cristo com grande fervor, e com isso também ele se sentia animado, como bom guia do exército de Cristo, a conquistar vitoriosamente as culminâncias da virtude.

A fim de realizar aquelas palavras do apóstolo: ‘Os que são de Cristo crucificaram sua carne com seus vícios e concupiscências’ (Gl 5,24), e levar no próprio corpo a armadura da cruz, refreava os estímulos dos

sentidos com uma disciplina tão rigorosa que a muito custo admitia o necessário para seu sustento.

Dizia que é difícil satisfazer as exigências do corpo sem se abrir mão das baixas tendências dos sentidos. Por essa razão, a contragosto, e raramente, aceitava alimentação cozida e, neste caso, ou lhe acrescentava cinzas ou a mergulhava na água para torná-la insípida” (LM, cap. 5, n. 1).

“Por outro lado, também é verdade que procurava inculcar com insistência em seus irmãos o desejo de uma vida austera e penitente, mas lhe repugnava a excessiva severidade que não se reveste de entranhas de misericórdia nem é condimentada com o sal da discrição.

Efetivamente aconteceu que um de seus irmãos, entregue aos rigores de uma abstinência por demais rigorosa, começou a desmaiar de tanta fome. [...] [Francisco] colocou diante dele um pouco de pão e, para não deixá-lo embaraçado, começou a comer por primeiro, enquanto convidava o outro a comer. O irmão deixou de lado a vergonha, tomou daquela comida com grande alegria...” (LM, cap. 5, n. 7).

Estranhamos a austeridade de São Francisco para consigo mesmo. Entretanto, um pouco antes

de morrer pediu desculpas a seu “irmão corpo”. “Alegra-te, irmão corpo, e me perdoa, porque agora vou tratar de cumprir com gosto tuas vontades, vou me apressar a atender tuas reclamações!’ Mas o que poderia agradar àquele pobre corpo acabado? O que poderia soerguê-lo, agora que já estava todo derreado?” (2C, 2o livro, cap. 160, n. 211).

Dos ditos de Frei Egídio

“Um homem secular perguntou a Frei Egídio, dizendo: ‘Pai, de que modo podemos nós, seculares, alcançar o estado de graça?’ Ao qual Frei Egídio respondeu: ‘Irmão meu, o homem deve em primeiro lugar doer-se dos seus pecados com grande contrição de coração; e depois os deve confessar ao sacerdote com amaritude e dor de coração; acusando-se puramente, sem disfarces nem escusas; e depois deve cumprir perfeitamente a penitência que lhe for dada, [...] deve-se resguardar de todo vício, [...] e ainda se deve exercitar nas boas obras virtuosas. [...] E fazendo assim chegará ao estado de graça e de virtude’” (DEg, n. 10).

“A graça de Deus e as virtudes são caminho e escada para subir ao céu; mas os vícios e os pecados

são caminho e escada para descer às profundezas do inferno. [...] Uma graça conduz e leva outras atrás de si, um vício puxa outro. A graça não deseja ser louvada e o vício não pode suportar ser desprezado. A mente aquieta-se e repousa na humildade; a paciência é sua filha. [...] Se amares, serás amado. Se servires, serás servido. [...] Mas bem-aventurado é aquele que verdadeiramente ama e não deseja ser amado. Bem-aventurado é aquele que serve e não deseja ser servido. Bem-aventurado é aquele que se comporta bem com os outros e não deseja que os outros se comportem bem com ele. Mas por serem estas coisas altíssimas e de grande perfeição, os estultos não as podem conhecer nem conquistar” (DEg, n. 1).

- Oração e penitência alimentaram as energias de São Francisco para ser fiel a seu ideal de viver segundo o santo Evangelho, seguindo os passos de Jesus. Para os seguidores de Jesus não há outro caminho.

9. O culto à Santa Regra

“Começa a Regra de vida dos frades menores. A Regra e a vida dos frades menores é esta: observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo,

vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade” (2Rg, n. 1,1).

“Perfeito zelador da observância do Santo Evangelho, São Francisco desejava ardorosamente que todos observassem nossa Regra que, no seu entender, era o livro da vida, a medula do Evangelho, e concedeu uma bênção especial aos que a cumprissem fielmente.

Dizia, com efeito, a seus discípulos que a Regra que professamos é o livro da vida, esperança e salvação, a escada da glória, a medula do Evangelho, a senda da cruz, o estado da perfeição, a chave do paraíso e o pacto da eterna aliança.

Desejava que a compreendessem e a conhecessem e que nas conversações discutissem sobre ela, a fim de reanimar os desencorajados, e que para trazer à memória os votos proferidos, meditasse cada um sobre ela, atenta e frequentemente.

Ensinou-lhes também que a tivessem sempre diante dos olhos como testemunho da vida que deviam levar e de sua observância. Mais ainda, ensinava e aconselhava seus frades a conservarem-na consigo até a morte” (Sp, cap. 76).

Vários ministros fizeram um pedido a Frei

Elias, vigário da Ordem. “Soubemos que este Frei Francisco está compondo uma nova Regra e tememos que ele a faça tão rígida que não possamos observá-la. Queremos, portanto, que vás a ele e lhe diga, de nossa parte, que não queremos sujeitar-nos a esta Regra. Que ele a escreva para si mesmo, e não para nós.”

Frei Elias lhes respondeu que não se atreveria a ir sozinho, pois temia as recriminações de São Francisco.

Como os ministros insistiram, declarou que só iria se eles o acompanhassem. Resolveram então ir todos juntos...

Francisco, ao ver os ministros, indagou de Frei Elias: “Que querem estes frades?” Ao que Frei Elias replicou: “Estes são ministros que souberam estares tu redigindo uma nova Regra e temem que a faças demasiado rigorosa...”

Ouvindo isto, o santo voltou o rosto para o céu e falou a Cristo assim: “Senhor, eu não te disse que eles não acreditariam em mim?”

No mesmo instante ouviram todos a voz de Cristo: “Francisco, não há nada na Regra que seja teu, tudo que ela contém me pertence; quero, portanto, que esta Regra seja observada letra por letra, sem

comentários, sem comentários, sem comentários”.

Francisco: “Ouvistes, ouvistes, ou quereis que o faça repetir outra vez?”

E os ministros, recriminando-se, se retiraram confusos e amedrontados (cf. Sp, cap. 1).

- Já os antigos filósofos pagãos diziam: Guarda a ordem e a ordem te guardará.

10. São Francisco e a Divina Eucaristia

“Peço-vos ainda com mais insistência do que se pedisse por mim mesmo, supliqueis humildemente aos clérigos [escreve aos custódios], todas as vezes que o julgueis oportuno e útil, que prestem a mais profunda reverência ao Santíssimo Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, bem como a seus santos nomes e palavras escritos, que tornam presente seu Sagrado Corpo” (3Ct-a).

“Francisco ardia em amor até as medulas pelo Sacramento do Corpo do Senhor e ficava tocado de espanto diante dessa caridade e, sobretudo, diante dessa caridade tão misericordiosa!

Não ouvir ao menos uma missa por dia, não havendo impedimento, parecia-lhe falta grave (cf. 2C, 2º livro, cap. 152, n. 201).

“Rogo-vos pois, a vós todos, meus irmãos, beijando-vos os pés, e com toda a caridade de que sou capaz, que manifesteis toda a reverência e toda honra que puderdes ao Santíssimo Corpo e ao Santíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, ‘no qual foram pacificadas todas as coisas, assim as da terra como as do céu, e reconciliadas com o Deus onipotente’” (Cl 1,20).

Peço ainda no Senhor a todos os meus irmãos sacerdotes, os que são, vierem a ser ou desejarem ser sacerdotes do Altíssimo, que, ao celebrar a missa, ofereçam o verdadeiro sacrifício do Santíssimo Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, pessoalmente puros, com disposição sincera, com reverência e com santa e pura intenção, jamais levados por qualquer interesse terreno nem por temor ou consideração de qualquer pessoa ‘como quem procura agradar aos homens’ (Cl 3,22).

Seja antes todo vosso querer, na medida em que vos ajudar a graça do Onipotente, ordenado para Deus, desejando assim agradar unicamente a Ele, o supremo Senhor, porque só Ele opera ali como for do seu agrado. Pois – como Ele mesmo diz: ‘Fazei isto em memória de mim’ (cf. Lc 22,19) – quem proceder de outra maneira torna-se outro Judas

traidor e ‘faz-se réu do Corpo e Sangue do Senhor’ (cf. ICor 11,27)” (7Ct, n. 12-16).

“Considerai a vossa dignidade, irmãos sacerdotes, e ‘sede santos porque Ele é santo’ (Lv 11, 44). E assim como o Senhor Deus vos honra acima de todos, por causa desse mistério, assim vós, mais que todos, amai-o, reverenciai-o, honrai-o! E uma grande desgraça e uma lamentável fraqueza se vós, tendo-o assim presente, ainda vos preocupais com qualquer outra coisa no mundo inteiro” (7Ct, n. 23-25).

Francisco dizia frequentemente: “Se me acontecesse de encontrar ao mesmo tempo um santo descido do céu e um sacerdote pobrezinho, saudaria primeiro o presbítero, e me apressaria a beijar as suas mãos. Até diria: ‘Espera, São Lourenço, porque as mãos deste homem seguram a Palavra da vida e têm poder mais que humano’” (2C, 2º livro, cap. 152, n. 201).

“Pasme o homem todo, estremeça a terra inteira, rejubile o céu em altas vozes quando, sobre o altar, estiver nas mãos do sacerdote o Cristo, Filho de Deus vivo!

Ó grandeza maravilhosa, ó admirável condescendência! Ó humildade sublime, ó humilde

sublimidade! O Senhor do universo, Deus e Filho de Deus, se humilha a ponto de se esconder, para nosso bem, na modesta aparência do pão.

Vede, irmãos, que humildade a de Deus! Derramai ante Ele os vossos corações! Humilhai-vos para que Ele vos exalte! Portanto, nada de vós retenhais para vós mesmos, para que totalmente vos receba quem totalmente se vos dá!” (7Ct, n. 26-29).

11. “Sou o arauto do grande Rei” – I

“Vestido com uma roupa curta, ele que outrora andara de escarlate, e cantando em francês através de um bosque, foi assaltado por ladrões. Perguntaram-lhe ferozmente quem era, e ele respondeu forte e confiante: ‘Sou um arauto do grande Rei! Que é que vocês têm com isso?’ Bateram-lhe e o jogaram numa fossa cheia de neve, dizendo: ‘Fica aí, pobre arauto de Deus!’

Quando se afastaram, revirou-se na fossa e conseguiu sair, sacudindo a neve. Com alegria redobrada, começou a cantar em voz alta pelos bosques os louvores do Criador de tudo” (1C, 1º livro, cap. 7, n. 16).

“Com toda a solicitude do coração apegou-se às palavras da nova graça [ele havia ouvido a ordem

de Cristo de andar pelo mundo, pobre, anunciando o Reino de Deus], pensando como poderia pô-las em prática, e começou, por divina inspiração, a anunciar a perfeição evangélica, pregando em público, com simplicidade, a penitência.

Suas palavras não eram vãs e desprezíveis, mas cheias da força do Espírito Santo. Penetraram tão profundamente os corações, que convertiam os ouvintes de forma maravilhosa.

Como ele mesmo mais tarde atestou, por revelação divina, havia aprendido esta saudação: ‘O Senhor te dê a paz!’ Por isso, no início de qualquer pregação, saudava o povo anunciando a paz” (3S, cap. 8, n. 25-26).

“Já repleto da graça do Espírito Santo, São Francisco chamou a si os primeiros seis irmãos e lhes predisse coisas que haveriam de acontecer: ‘Consideremos, irmãos caríssimos, a nossa vocação, para a qual Deus nos chamou com misericórdia, não só para nossa salvação, mas para a salvação de muitos, [...] exortando a todos, mais com o exemplo que com palavra, a fazer penitência de seus pecados. [...]

Não tenhais medo por parecermos poucos e

ignorantes, mas com firmeza e simplicidade anunciai a penitência, confiando no Senhor, que venceu o mundo, porque seu Espírito falará por meio de vós e em vós para exortar a todos que se convertam a Ele e observem seus mandamentos.

Encontrareis alguns homens fiéis, brandos e benignos que com alegria receberão a vós e as vossas palavras, e muitos outros sem fé, soberbos e blasfemos, que, injuriando-vos, resistirão a vós e a tudo que disserdes. Ponde, pois, em vossos corações tolerar tudo com paciência e humildade” (3S, cap. 10, n. 36).

Francisco, “pregando frequentemente a Palavra de Deus a milhares de pessoas, tinha tanta segurança como se estivesse conversando com um companheiro. Olhava a maior das multidões como se fosse uma pessoa só e falava a cada pessoa com todo o fervor como se fosse uma multidão” (1C, 1º livro, cap. 27, n. 72).

12. “Sou o arauto do grande Rei” – II

“Já que a força do amor tinha feito dele um irmão das outras criaturas, não nos admiremos de que a caridade de Cristo tenha feito dele um irmão ainda maior do que aqueles que foram distinguidos

pela semelhança com o Criador.

Dizia que não havia coisa mais importante que a salvação das almas e o provava com frequência ainda maior lembrando que o Unigênito de Deus dignou-se ser crucificado pelas almas.

Daí seu esforço na oração, sua facilidade na pregação e seu excesso nos exemplos que dava. Achava que não era amigo de Cristo se não amasse as almas que Cristo amava.

Essa era a principal causa de sua veneração pelos doutores, que eram auxiliares de Cristo e exerciam com ele o mesmo ofício. Mas amava de maneira especial, profunda, e de todo o coração os próprios irmãos, por conviverem na mesma fé e coparticiparem da herança eterna” (2C, 2º livro, cap. 131, n. 172).

“Francisco, o incansável soldado de Cristo, percorria as cidades e povoados anunciando o Reino de Deus, proclamando a paz, pregando a salvação e a penitência para a remissão dos pecados, não em eloquência persuasiva da sabedoria humana, mas na doutrina e na demonstração do Espírito. Apoiado na autorização apostólica que lhe tinha sido concedida, agia em tudo destemidamente, sem adular nem tentar seduzir ninguém com moleza. Não sabia

lisonjear as culpas de ninguém, mas pungi-las. Nem sabia favorecer a vida dos pecadores, mas atacava-os com áspera reprimenda, porque já se havia convencido primeiro na prática das coisas que estava dizendo aos outros em palavras. Não precisando temer acusadores, anunciava a verdade sem medo, de maneira que até os homens mais letrados, que gozavam de renome e dignidade, admiravam seus sermões e em sua presença sentiam-se possuídos de temor salutar.

Acorriam homens e mulheres, clérigos e religiosos para verem e ouvirem o santo de Deus, que a todos parecia um homem de outro mundo. [...]

Na verdade, parecia que, naquele tempo, tanto pela presença como pela simples fama de São Francisco, tivesse sido enviada uma luz nova do céu para a terra, espantando toda a escuridão das trevas, que a tal ponto tinha ocupado quase toda a região, que mal dava para alguém saber onde se estava indo. Tão profundo era o esquecimento de Deus e a negligência na observância de seus mandamentos, que quase não conseguia tirar os homens de seus velhos vícios.

Brilhava como uma estrela que fulge na escuridão da noite e como a aurora que se estende sobre as

trevas. Dessa maneira, dentro de pouco tempo, tinha sido completamente mudada a aparência da região, que parecia por toda parte mais alegre, livre da antiga fealdade. [...]

Até a vinha inculca se cobriu de renovo que espalham o perfume do Senhor e, dando flores de suavidade, carregou-se de frutos de honra e honestidade.

Ressoavam por toda parte a ação de graças e o louvor, e por isso foram muitos os que quiseram deixar os cuidados mundanos para chegar ao conhecimento de si mesmos na vida e na escola do santo pai Francisco, caminhando para o amor de Deus e seu culto.

Começaram a vir a São Francisco muitas pessoas do povo, nobres e plebeus, clérigos e leigos, querendo por inspiração de Deus militar para sempre sob sua disciplina e magistério. [...] Pois era um artista consumado que apresentava o exemplo, a Regra e os ensinamentos de acordo com os quais a Igreja de Cristo rejuvenescia, enquanto nos homens e nas mulheres triunfava o tríplice exército dos predestinados. A todos propunha uma norma de vida e demonstrava com garantias o caminho da salvação em todos os graus” (1C, 1º livro, cap. 15, n. 36-37).

- Vazio o coração do amor divino, como podemos levar os homens sem fé a amar a Deus?

13. “Sou o arauto do grande Rei” – III

“Sua palavra era um fogo ardente que penetrava até ao fundo dos corações e enchia de admiração os ouvintes...”

Sucedeu certo dia que São Francisco devia pregar diante do papa e dos cardeais. Ele reparou bem o sermão, “mas ao chegar o momento de se apresentar de pé diante da assembleia” esqueceu-se completamente do sermão elaborado.

“Confessou então o santo com a maior humildade o que lhe sucedia. Recolheu-se uns breves momentos para implorar as luzes do Espírito Santo e começou a expressar-se com tanta fluência, com raciocínios tão eficazes, que moveu à compunção as ilustres pessoas que o ouviam, mostrando-se bem às claras que não era ele, mas o Espírito Santo, quem falava por sua boca” (cf. LM, cap. 12, n. 7).

“Pregando em seguida nas vizinhanças, chegou a um lugar chamado Albino, onde, havendo congregado o povo e feito o devido silêncio, mal se ouvia sua voz na pregação por causa de um grande número de andorinhas que naquele mesmo lugar

estavam construindo seus ninhos e faziam com seus pios um estrépito muito grande. E diante de todos, disse a elas: ‘Irmãs andorinhas, já é tempo que me deixeis falar, pois até agora haveis gritado bastante. Ouvi a palavra de Deus e guardai silêncio até que termine a pregação’.

A esta ordem, e como se fossem capazes desconhecimento, silenciaram de repente as andorinhas, permanecendo no mesmo lugar até que o santo terminou seu sermão” (LM, cap. 12, n. 4).

“Tais milagres, e muitos outros ainda, davam à pregação de Francisco um efeito extraordinário, fazendo que as palavras do arauto de Deus fossem ouvidas como se pronunciadas por um anjo do céu” (LM, cap. 12, n. 12).

São Francisco vivia atormentado com uma dúvida e pediu conselhos a seus irmãos. “Meus irmãos, que me aconselhais, qual a vossa opinião: Devo dedicar-me à oração ou caminhar de cidade em cidade para pregar?”

Durante vários dias discutiram o assunto... Também pediu a Clara, virgem santa, que rezasse nesta intenção. Do mesmo modo pediu também a Frei Silvestre.

“Houve uma unanimidade extraordinária: o sacerdote e a virgem, sob inspiração do Espírito Santo, assim interpretaram a vontade Deus: o arauto de Cristo deve ir pregar pelo mundo. Voltaram os irmãos, indicando qual a vontade de Deus, conforme tinham podido saber. Francisco imediatamente se levantou, cingiu as vestes e, sem se deter um momento, se pôs a caminho. Ia com tanto fervor executar a vontade divina, corria tão velozmente, como se a mão do Senhor, descendo sobre ele, o houvesse cumulado de novas energias” (LM, cap. 12, n. 1-2).

Como São Francisco pregava ao povo? Talvez a sua Carta aos fiéis nos dê uma resposta.

“Quão felizes e benditos são aqueles e aquelas que amam o Senhor ‘de todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças’ (Mc 12,30) e ao próximo como a si mesmos (cf. Mt 22,39), odiando seus corpos com seus vícios e pecados, recebendo o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo e produzindo frutos dignos de penitência.

Felizes e benditos os que assim fazem e assim perseveram, porque ‘sobre eles repousará o Espírito do Senhor’ (Is 11,2), que neles fará morada (cf. Jo

14,23). Estes são filhos do Pai celeste (cf. Mt 5,45), fazem as obras do Pai, são esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Mt 12,50). [...]

Todos aqueles e aquelas, porém, que não fazem penitência [...] vivem no vício e no pecado [...], servem ao mundo com seu corpo, cedendo aos desejos carnis [...]: escravos do demônio, de quem são filhos e filhas e cujas obras praticam (cf. Jo 8,41), são cegos. [...] Reparai, ó cegos, enganados pelos vossos inimigos. [...] Nada tendes de bom neste mundo nem no outro” (4Ct-a, n. 1-22).

14. Mártir pelo desejo

“Mas o ardor de sua caridade o impelia ao martírio. Pela terceira vez tentou partir aos países infiéis para difundir com o derramamento de seu sangue a fé na Trindade.

Aos treze anos de sua conversão, foi às regiões da Síria, enfrentando corajosamente muitos perigos a fim de comparecer diante do Sultão da Babilônia, pessoalmente.

Uma guerra implacável castigava cristãos e sarracenos. Os dois exércitos encontravam-se acampados muito próximos. [...] O Sultão havia publicado um edito cruel: todos que lhe trouxessem a cabeça de um cristão receberiam uma grande quantidade de ouro.

Mas o intrépido soldado de Cristo Francisco, julgando chegada a ocasião de realizar seus anseios, resolveu apresentar-se diante do Sultão, sem temer a morte. [...] Confortado pelo Senhor, depois de fervorosa oração, repetia com o profeta: ‘Ainda que ande em meio às trevas da morte, não temerei mal algum, porque estás comigo’. [...]

E havendo começado a caminhar, saíram-lhes ao encontro duas mansas ovelhinhas à vista das quais, cheio de alegria, disse a seu companheiro: ‘Confiemos no Senhor, irmão, porque em nós se realizam hoje as palavras do Evangelho: “Eis que eu vos envio como ovelhas entre lobos”’.

...encontraram sentinelas sarracenas que, quais lobos vorazes contra ovelhas, capturaram os servos de Deus e, ameaçando-os de morte, maltrataram-nos. [...] Por fim [...] a Divina Providência fez com que os levassem à presença do Sultão. [...]

Com [...] tão inflamado zelo [Francisco] pregou ao Sultão a existência de um só Deus em três Pessoas. [...] Admirado, o Sultão ao ver o espírito e o fervor do seráfico pai, não apenas o ouvia com grande satisfação, mas até insistiu com repetidas súplicas que permanecesse algum tempo com ele.

Mas o servo de Deus, iluminado pela força do alto, logo lhe respondeu, dizendo: ‘Se me prometeres que tu e os teus vos convertereis a Cristo, permanecerei de muito bom grado entre vós. Se duvidas em abandonar a lei impura de Maomé pela fé santíssima de Cristo, ordena imediatamente que se faça uma grande fogueira e teus sacerdotes e eu nos lançaremos ao fogo, a ver se deste modo compreendes a necessidade de abraçar a fé sagrada que te anuncio’.

A esta resposta replicou sem demora o Sultão: ‘Não creio que haja entre seus sacerdotes um só que, para defender sua doutrina, se atreva a lançar-se ao fogo nem esteja disposto a sofrer o menor tormento’.

[Então Francisco respondeu que ele sozinho se atiraria ao fogo, mas sob a condição de que o Sultão se convertesse, se ele saísse ileso das chamas.]

...respondeu o Sultão que não podia aceitar esse contrato aleatório, pois temia uma sublevação popular.

[Ainda ofereceu a Francisco grande quantidade de ouro. Francisco não quis aceitar o tesouro das mãos de um pagão. Assim ele voltou sem ter alcançado a palma do martírio. Mais adiante, o próprio Cristo o assinalou com singular privilégio]” (LM, cap. 9, n. 7s).

15. Salve, Mestre

*Salve, Mestre e Pai amado,
Serafim de santo amor!
No caminho da virtude,
sede nosso protetor!*

*São Francisco, nossas preces,
ao Senhor apresentai!
Belos frutos de virtude,
de Jesus nos alcançai!*

*De Jesus seguindo os passos,
desprezastes com desdém,
os enganos deste mundo,
toda a glória que Ele tem.*

*Vosso exemplo luminoso,
nós queremos imitar;*

*com rigor e penitência
a pureza conservar.
Na humildade mais profunda
renunciastes ao querer,
mil vitórias alcançastes
pelo humilde obedecer.*

*Também nós, por vós guiados,
submetemos com amor
toda a nossa liberdade
à lei santa do Senhor (Frei Basílio Roewer).*

16. O ideal da santa pobreza – I

“Todos os irmãos se esforcem por imitar a humildade e pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo. E se recordem que do mundo inteiro nada mais precisamos do que, como diz o Apóstolo, ‘o necessário para nos alimentar e para nos cobrir, e queremos estar contentes com isso’ (1Tm 6,8).

E devem estar satisfeitos quando estão no meio de gente comum e desprezada, de pobres e fracos, enfermos e leprosos e mendigos de rua.

E quando for preciso, que vão pedir esmola. Nem se envergonhem disto, mas antes recordem que Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho do Deus

vivo todo-poderoso, ‘enrijeceu sua face como pedra duríssima’ (Is 50,7) e não se envergonhou de se tornar para nós pobre e peregrino; e vivia de esmolas, ele mais a bem-aventurada Virgem e seus discípulos. E se os homens os tratarem com escárnio e não quiserem dar-lhes esmolas, rendam graças a Deus” (1Rg, n. 9, ls).

“Mando severamente a todos os irmãos que de modo algum recebam dinheiro de qualquer espécie, nem por si nem por pessoa intermediária.

Entretanto, os ministros e os custódios, e só eles, cuidem diligentemente, por meio de amigos espirituais, das necessidades dos irmãos enfermos e dos que precisam de roupas, conforme as exigências dos lugares, tempos e regiões frias, e como, a seu juízo, convier melhor à necessidade; sempre com exceção de que, como já ficou dito, não recebam dinheiro de qualquer espécie” (2Rg, n. 4, ls).

“Dois frades iam a caminho de um hospital de leprosos. No caminho encontraram uma moeda, pararam e ficaram discutindo sob o que deviam fazer com aquele esterco. Um deles, rindo, tentou a consciência do confrade, para pegar o dinheiro e

levá-lo aos enfermeiros dos leprosos. O companheiro disse que não deveria fazer. [...] Mas o outro não quis ouvir [...] e apanhou a moeda.

Mas não escapou ao julgamento divino. Perdeu a fala na hora, cerrou os dentes e não podia falar. Dessa maneira, o castigo fez bem para o louco, e a punição ensinou o soberbo a obedecer às leis do pai. Finalmente, jogou fora aquele fedor, e seus lábios lavados na água da penitência prorromperam em louvores” (2C, 2º livro, cap. 36, n. 66).

“E se mesmo assim acontecer – o que Deus não permita – que algum irmão ajunte ou possua dinheiro ou moedas – salvo no caso da mencionada necessidade dos enfermos – todos nós irmãos consideremo-lo como falso irmão e como apóstata, como gatuno e ladrão [...] se não fizer sincera penitência” (IRg, n. 8, 8).

“São Francisco dizia frequentemente aos frades: ‘Nunca fui um ladrão de esmolas, recebendo-as ou gastando-as além do necessário; sempre aceitei menos do que me ofereciam, a fim de não lesar outros pobres, pois agir de outra maneira seria agir como ladrão’” (Sp, cap. 12).

17. O ideal da santa pobreza – II

“Depois de alguns dias, achegaram-se a ele outros três homens de Assis: Sabatino, Mórico e João de Capela, suplicando ao Bem-aventurado Francisco que os recebesse como irmãos. Ele os acolheu humilde e benignamente.

Mas andando pela cidade e pedindo esmolas, quase nada recebiam, antes eram injuriados pelas pessoas que diziam terem eles deixado seus bens para comer os dos outros. [...] Seus parentes e consanguíneos também os perseguiram. [...]

O bispo da cidade de Assis, a quem frequentemente o homem de Deus procurava para se aconselhar, recebeu-o benignamente e disse-lhe certa vez: ‘Vossa vida parece-me dura e áspera, sem os recursos dos bens temporais’.

Ao que o santo respondeu: ‘Senhor, se possuíssemos haveres, ser-nos-iam necessárias armas para nossa proteção. Pois é daí que surgem litígios e contendas. [...] Portanto, neste século não queremos possuir nada de temporal’.

Muito agradou ao bispo a resposta do homem de Deus, que desprezara todas as coisas transitórias e especialmente o dinheiro” (3S, cap. 9, n. 35).

“Escreve que abençoo a todos os meus irmãos, tanto os que estão na ordem agora como os que nela entrarem até o fim do mundo...

E como por causa de minha fraqueza e de meus sofrimentos já não lhes posso falar muito, quero elucidar brevemente em três frases a todos os meus irmãos, atuais e futuros, qual a minha vontade: que, em sinal de minha memória, de minha bênção e de meu testamento, sempre se amem; que guardem sempre amor e fidelidade a nossa senhora Santa Pobreza; que sempre se mantenham submissos e prontos a servir aos prelados da santa Mãe Igreja” (OD, n. 14s).

“Colocado no vale de lágrimas, o santo pai desprezou as míseras riquezas dos filhos dos homens e, ambicionando a mais alta glória, dedicou-se de todo o coração à pobreza.

Vendo que era estimada pelo Filho de Deus e estava sendo desprezada por toda a terra, quis desposá-la com um amor eterno. Apaixonado por sua beleza, uniu-se a ela mais fortemente, como a uma esposa, como se fossem dois em um só espírito, e abandonou não só pai e mãe, mas largou todas as coisas.

Abraçou-a por isso em ternos abraços e não suportou esperar uma hora sequer para ser seu esposo. Dizia a seus filhos que ela era o caminho da perfeição, o penhor e a garantia das riquezas eternas. [...]

O que mais o ofendia era ver, dentro ou fora de casa, alguma coisa nos frades que fosse contrária à pobreza” (2C, 2º livro, cap. 25, n. 55).

18. O ideal da santa pobreza – III

“Entre outros dons e carismas que o Doador de todos os bens concedeu a Francisco, houve um privilégio singular: o de crescer nas riquezas da simplicidade através do amor pela altíssima pobreza. Considerando o santo que esta virtude havia sido familiar ao Filho de Deus e vendo-a quase desterrada do mundo, quis torná-la sua esposa, amando-a com amor eterno, e por ela não só deixou pai e mãe, mas generosamente distribuiu tudo quanto possuía.

Ninguém foi tão ávido de ouro quanto foi Francisco da pobreza. [...] Por isso nada o ofendia tanto como ver em seus irmãos qualquer coisa que não estivesse inteiramente de acordo com a pobreza. [...]

Muitas vezes recordava, sem poder conter as lágrimas, a pobreza de Cristo e de sua Mãe. Afirmava que esta é a rainha das virtudes. [...]

‘Sabei, irmãos, que a pobreza é o caminho mais seguro para a salvação [...] e seus frutos, embora ocultos, são múltiplos’ (LM, cap. 7, n. 1).

“Dizia: ‘Ainda vai haver tamanho relaxamento no fervor, e um domínio tão grande da tibieza que filhos do pobre pai não se envergonharão de usar até a púrpura, cuidando apenas de mudar de cor’. Com isso, pai, não é a ti que enganamos como filhos falsos, nossa maldade engana a si mesma. É coisa que aumenta e se manifesta cada dia mais” (2C, 2º livro, cap. 39, n. 69).

“Algumas vezes, o santo se lamentou dizendo: ‘Quanto mais os frades se afastarem da pobreza, mais o mundo há de afastar-se deles. Procurarão e não hão de encontrar. Mas, se estiverem abraçados à minha senhora pobreza, o mundo os alimentará, pois foram dados para a salvação do mundo’” (2C, 2º livro, cap. 40, n. 70).

- Com a observância ou a não-observância da pobreza progride ou cai a Ordem de Francisco de Assis. “Senhora Santa Pobreza, o Senhor te guarde por tua santa irmã, a humildade” (EV, n. 2).

19. A humildade de São Francisco – I

Ainda jovem, Francisco ouviu esta voz: “...se quiseres conhecer a minha vontade, deverás desprezar e odiar tudo o que carnalmente amaste e desejava possuir. Depois que começares a fazer assim, as coisas que antes te pareciam suaves e doces serão para ti insuportáveis e amargas, e, de outra parte, das que te causaram horror, poderás haurir uma grande doçura e uma suavidade imensa” (3S, cap. 4, n. 11).

“E estejamos firmemente convencidos de que não temos coisa própria nossa senão os nossos vícios e pecados. Antes, devemos regozijar-nos ‘quando cairmos em diversas provações’ (Tg 1,2) e sofrermos neste mundo na alma e no corpo toda sorte de angústias e tribulações, por causa da vida eterna. Por isso vamos nós, irmãos todos, acautelar-nos de toda vanglória e soberba” (1Rg, n. 17,8-10).

“A santa humildade confunde o orgulho e todos os homens deste mundo e tudo quanto há no mundo” (EV, n. 12).

“Por isso, irmãos todos, vigiemo-nos muito a nós mesmos, a fim de não perdermos ou desviarmos

do Senhor a nossa mente e nosso coração sob a aparência duma recompensa ou obra ou ajuda” (1Rg, n. 22, 22).

“Não devem também discutir entre si ou com outros, mas procurar responder humildemente, dizendo: ‘Somos servos inúteis’ (Lc 17,10)” (1Rg, n. 11, 2).

“E todos os irmãos, tanto ministros e servos como os demais, cuidem de não perturbar-se ou enraivecer-se por causa do pecado ou mau exemplo de outrem, porque o diabo procura perder a muitos pelo pecado de um só. Mas antes socorram, na medida do possível, espiritualmente, a quem tiver caído em pecado. [...]

Igualmente nenhum irmão exerça uma posição ou cargo de mando, e muito menos entre os próprios irmãos. Pois, como diz o Senhor no Evangelho: ‘Os príncipes das nações as subjagam e os grandes imperam sobre elas’ (Mt 20,25), assim não deve ser entre os irmãos, mas antes, [...] ‘quem for o maior entre eles faça-se o menor’ (cf. Lc 22,26)” (1Rg, n. 5,10-15).

“Francisco vivia em espírito de profunda humildade, guarda e ornamento de todas as virtudes.

Superava a todos imensamente pelas virtudes que brilhavam em sua vida; a humildade, porém, parecia a virtude que mais o distinguia; e se considerava o último de todos os homens.

Em seu parecer, ele era o maior dos pecadores e se considerava apenas uma criatura fraca e sem valor; na verdade era um exemplo de santidade. [...]

Tudo fazia por parecer coisa inútil aos próprios olhos e diante dos outros; confessava publicamente suas faltas ocultas e escondia os dons de Deus; [...] recusava expor-se ao louvor dos homens, temendo que fosse ocasião de queda.

Em sua busca por praticar a humildade com toda perfeição, não só obedecia a seus superiores, mas até se mostrava submisso aos inferiores; tinha o hábito de prometer obediência ao irmão que o acompanhava em viagem, ainda que fosse pessoa das mais simples. Não usava de sua autoridade como um superior; em sua humildade, preferia obedecer aos que lhe eram sujeitos, como seu ministro e servo”(Lm, n. 3, 4).

20. A humildade de São Francisco – II

“A humildade é garantia e honra de todas as virtudes. O edifício espiritual que não a tem por base caminha para a ruína, mesmo quando parece estar crescendo.

Como não podia faltar a um homem ornado de tantos dons, tinha-o cumulado com a maior fecundidade. A seu entender, não passava de um pecador, apesar de ser brilho e esplendor de toda espécie de santidade. Tratou sempre de edificar a si mesmo sobre a humildade, colocado o fundamento que tinha aprendido de Cristo.

Esquecido dos lucros que tinha tido, só sabia ver os próprios defeitos, olhando mais o que faltava do que possuía. Seu único desejo era ser melhor, para juntar novas virtudes, sem se contentar com as que já tinha.

Era humilde de presença, mais humilde de sentimento e muito mais humilde no modo de pensar” (2C, 2º livro, cap. 102, n. 140).

“Para conservar a virtude da santa humildade, poucos anos depois de sua conversão, durante um capítulo, renunciou ao cargo de superior da Ordem diante de todos os frades, dizendo: ‘Desde agora estou morto para vós. Aqui está Frei Pedro Cattani, a quem obedeceremos eu e vós todos’. Inclinou-se diante dele e lhe prometeu obediência e reverência.

Os frades choraram e deram altos gemidos de dor, vendo que tinham ficado órfãos de semelhante pai. Mas São Francisco se levantou, juntou as mãos,

levantou os olhos para o céu e disse: ‘Senhor, eu te recomendo a família que até agora tinhas entregue a meus cuidados.

Agora, por causa das enfermidades que conheces, dulcíssimo Senhor, não podendo mais cuidar dela, passo-a aos ministros. Que eles sejam obrigados a te prestar contas, Senhor, no dia do juízo, se algum de seus confrades tiver perecido por negligência, pelo exemplo e mesmo pela áspera correção” (2C, 2º livro, cap. 104, n. 143).

Frei Masseo quis experimentar a humildade do Seráfico Pai e, “a modo de gracejo, disse: ‘Por que a tí? Por que a tí? Por que a tí?’ São Francisco responde: ‘Que queres dizer?’ Disse Frei Masseo: ‘Por que todo o mundo anda atrás de ti e toda a gente parece que deseja ver-te e ouvir-te e obedecer-te? Não és homem belo de corpo, não és de grande ciência, não és nobre: donde, pois, que todo o mundo anda atrás de ti?’

Ouvindo isto, São Francisco, todo jubiloso em espírito, levantando a face para o céu por grande espaço de tempo, esteve com a mente enlevada em Deus; e depois, voltando a si, ajoelhou-se e louvou e deu graças a Deus; e depois, com grande fervor de

espírito, voltou-se para Frei Masseo e disse: ‘Queres saber por que a mim? Queres saber por que todo o mundo anda atrás de mim? Isto recebi dos olhos de Deus altíssimo, os quais em cada lugar contemplam os bons e os maus: porque aqueles olhos santíssimos não encontraram entre os pecadores nenhum mais vil, nem mais insuficiente e nem maior pecador do que eu; e assim, para realizar esta operação maravilhosa, a qual entendeu de fazer, não achou criatura mais vil sobre a terra; e por isso me escolheu para confundir a nobreza; [...] para que se reconheça que toda a virtude e todo o bem são dele, e não da criatura, e para que ninguém se possa gloriar na presença dele; mas quem se gloriar, se glorie no Senhor...’ (Fior, cap. 10).

“Num dia em que, fraco e doente, não podendo ir a pé, passou montado num burrinho pelo terreno em que estava trabalhando um rude camponês, este foi correndo perguntar se ele era Frei Francisco. O homem de Deus respondeu humildemente que era ele mesmo, e o outro disse: “Trata de ser tão bom como todos dizem, porque são muitos os que confiam em ti. Por isso te aconselho a não seres diferente daquilo que esperam de ti”.

Ouvindo isso, Francisco, o homem de Deus, saltou do burro para o chão, prostrou-se diante daquele homem rude e lhe beijou os pés com humildade, agradecido porque se tinha dignado dar-lhe conselhos. Apesar de ser famoso e tido por muita gente como santo, achava-se um miserável diante de Deus e dos homens, e não se ensoberbecia nem com a fama de santidade e nem mesmo com os muitos irmãos e filhos santos que lhe tinham sido dados como começo da recompensa por seus méritos” (2C, 2º livro, cap. 103, n. 142).

O bispo de Térni disse: “Nestes últimos tempos, Deus iluminou sua Igreja com este pobrezinho; desprezível, simples e ignorante. Temos que louvar sempre o Senhor pois sabemos que não agiu dessa maneira com todas as nações”.

Francisco se dirige ao bispo com estas palavras: “Na verdade, senhor bispo, fizeste-me uma grande honra porque foste o único que conservou o que é meu. Os outros tiram. Tiveste a discrição de separar o que é precioso do que não presta, dando o louvor a Deus, e a mim o desprezo” (2C, 2º livro, cap. 103, n. 141).

21. A simplicidade de São Francisco

“A pura e santa simplicidade confunde toda a sabedoria deste mundo e a prudência da carne” (EV, n. 10).

“A tal ponto [os primeiros irmãos] tinham-se enchido de simplicidade, aprendido a inocência e conseguido a pureza de coração, que nem sabiam o que era a falsidade e, como tinham a mesma fé, tinham também o mesmo espírito, uma só vontade, um só amor, coerência perene, concórdia de procedimento, cultivo das virtudes, conformidade de opiniões e piedade nas ações” (1C, 1º livro, cap. 17, n. 46).

“A santa simplicidade, filha da graça, irmã da sabedoria, mãe da justiça, era o ideal a que desejava chegar o santo, era a virtude que ele gostava de ver nos outros.

Mas não aprovava qualquer simplicidade - apenas aquela que, contente com o seu Deus, despreza todas as outras coisas e, aquela que se gloria no temor de Deus, que não sabe nem dizer o mal” (2C, 2º livro, cap. 142, n. 189).

“Passando São Francisco por uma vila perto de

Assis, um certo João, homem muito simples, que estava arando no campo, foi ao seu encontro e disse: ‘Quero que me faças frade, porque há muito tempo desejo servir a Deus’.

O santo ficou muito contente ao ver a simplicidade do homem, e lhe respondeu: ‘Irmão, se queres ser nosso companheiro, dá aos pobres, se tiveres alguma coisa, e quando não tiveres mais nada eu te receberei’.

Ele soltou os bois na mesma hora e ofereceu um a São Francisco, dizendo: ‘É justo que demos um aos pobres! Porque essa é a parte que me cabe dos bens de meu pai’.

O santo sorriu e gostou dessa prova de simplicidade. Mas os pais e os irmãos mais moços, quando souberam disso, apareceram chorando, mais pesarosos de perder o boi que o homem. Disse-lhes o santo: ‘Não se assustem, eu devolvo o boi e fico com o irmão’. E levou o homem consigo, vestiu-o com os panos da Ordem e teve nele um companheiro especial por causa da simplicidade” (2C, 2º livro, cap. 143, n. 190).

“Indo um dia São Francisco com Frei Masseo por um caminho, o dito Frei Masseo seguia um pouco na frente: e chegando a uma encruzilhada, por cujos

caminhos se podia ir a Florença, a Siena, e a Arezzo, disse Frei Masseo: ‘Pai, que caminho devemos tomar?’ Respondeu São Francisco: ‘Aquele que Deus quiser’. Disse Frei Masseo: ‘E como poderemos conhecer a vontade de Deus?’ Respondeu São Francisco: ‘Pelo sinal que te vou mostrar. Assim ordeno a ti, pelo merecimento da santa obediência, que nesta encruzilhada, no ponto onde tens o pé, rodes em torno de ti, como fazem as crianças, e não pares de girar sem te dizer’. Então Frei Masseo começou a girar em roda, e tanto rodou que, pela vertigem da cabeça [...] caiu muitas vezes no chão.

Mas, não dizendo São Francisco que parasse e ele querendo fielmente obedecer, recomeçava.

Por fim, quando girava fortemente, disse São Francisco: ‘Para aí e não te movas!’ E ele estacou e São Francisco lhe perguntou: ‘Voltado para onde tens o rosto?’ Respondeu Frei Masseo: ‘Para Siena’. Disse Francisco: ‘Este é o caminho que Deus quer que sigamos’.

Andando por aquele caminho, Frei Masseo se maravilhava muito com o que São Francisco lhe mandou fazer. [...]

Ao se aproximarem de Siena, os habitantes da cidade souberam da chegada do santo e vieram-lhe ao encontro; e por devoção o levaram mais o companheiro ao bispado, de modo que eles não

tocaram o solo com os pés. [...]

...São Francisco pregou-lhes tão devotamente e tão santamente que os reduziu a todos à paz...” (Fior, cap. 11).

22. A obediência de São Francisco

“E quero firmemente obedecer ao ministro geral desta fraternidade e ao guardião que lhe aprouver dar-me. E de tal modo quero estar como prisioneiro em suas mãos que fora da obediência a ele ou contra sua vontade eu não possa ir à parte alguma nem emprender nada, porque ele é o meu senhor” (Test, n. 9, 27-28).

“Senhora santa caridade, o Senhor te guarde por tua santa irmã, a obediência!” (EV, n. 3).

“Os que estão constituídos sobre outros não se vangloriem dessa superioridade mais do que se estivessem encarregados de lavar os pés dos irmãos” (Adm, n. 4, 2).

“Considera, ó homem, a que excelência te elevou o Senhor, criando-te e formando-te segundo o corpo à imagem do seu diletto Filho e, segundo o espírito, à sua própria semelhança.

Entretanto, as criaturas todas que estão debaixo do

céu, a seu modo, servem e conhecem e obedecem ao seu Criador melhor do que tu. Não foram tampouco os espíritos malignos que O crucificaram, mas tu em aliança com eles O crucificaste e O crucificas ainda” (Adm, n. 5, n. 5, 1-3).

Francisco disse, uma vez, a seus companheiros: ‘Entre as coisas que a bondade de Deus se dignou conceder-me esta graça de ser capaz de obedecer a um noviço de uma hora, se me fosse dado como guardião, tanto quanto ao mais antigo e mais discreto dos frades.

O súdito não deve considerar seu superior simplesmente como um homem, mas como aquele a quem se submeteu por amor. Quanto mais desprezível for o que manda, maior deve ser a humildade de quem obedece” (2C, 2º livro, cap. 111, n. 151).

“O Seráfico Pai dizia ainda a seus frades: ‘Irmãos caríssimos, executai sem tardanças as ordens que vos forem dadas; não espereis que vos mandem, uma segunda vez; enfim, não deis a impossibilidade como pretexto, por mais impossível que vos pareça esta ordem. Se eu vos ordenar acima de vossas forças, não vos faltará, para executá-lo, da santa obediência” (Sp, cap. 47).

“Achava que raras vezes se devia mandar por

obediência e que não se devia ir atirando logo no começo uma flecha que devia ser a última.

‘Não se deve logo pôr a mão na espada’, dizia. Mas também achava que não temia a Deus nem respeitava os homens aquele que não se apressasse a cumprir um preceito da obediência. [...]

...a autoridade na mão de um superior temerário é como uma espada na mão de um furioso. E não há nada pior do que um religioso que despreza a obediência” (2C, 2º livro, cap. 113, n. 153).

“E dizia: ‘Tempo virá em que esta Ordem, amada por Deus, vai ser difamada pelos maus exemplos, a ponto de ficarem envergonhados de sair em público’” (2C, 2º livro, cap. 116, n. 157).

23. A paciência de São Francisco

“O servo de Deus não pode conhecer em que medida possui a paciência e a humildade, enquanto se sentir satisfeito em tudo. Quando, porém, vier o tempo em que o contrariarem os que deveriam andar conforme os seus desejos, então, quanta paciência e humildade ele manifestar, tanta terá e nada mais” (Adm, n. 13, ls).

“Onde há paciência e humildade, não há ira nem perturbação” (Adm, n. 27, 2).

“Ide, dizia o Bem-aventurado pai a seus filhos, anunciai a paz a todos os homens; pregai-lhes a penitência para a remissão dos pecados; sede pacientes na tribulação, solícitos na oração, sofridos na adversidade, ativos e constantes no trabalho...” (LM, cap. 3, n. 7).

“Bem-aventurado o servo que recebe as advertências, acusações e repreensões dos outros com tanta paciência como se proviessem dele mesmo. [...] Bem-aventurado o servo que não procura logo escusar-se e com humildade suporta vergonha e repreensão por uma falta que não cometeu” (Adm, n. 23,1 e 3).

“Certo dia em que se exacerbavam notavelmente seus padecimentos e compadecendo-se dele um irmão muito simples, lhe disse:

‘Pai, pede a Deus que te trate com alguma benignidade maior’ [...]

Santamente irritado, ao ouvir essas palavras, Francisco exclamou com um profundo gemido: ‘Se eu não conhecesse, meu bom irmão, tua excessiva simplicidade, eu haveria de me separar de tua companhia, porque te atreveste a considerar como

repreensíveis os altos juízos de Deus a meu respeito’. E embora extenuado pela enfermidade que se arrastava, atirou-se por terra, [...] depois, beijando o solo, disse: ‘Eu vos dou graças, meu Senhor e meu Deus, por todas essas minhas dores e peço-vos que as multipliqueis, [...] já que encontro os mais inefáveis consolos em cumprir vossa santíssima vontade”’ (LM, cap. 14, n. 2).

“E peço ao irmão enfermo que por tudo dê graças ao Criador, e seu próprio desejo seja de ser assim como Deus quiser, são ou doente; pois todos os que Deus predestinou para a vida eterna (cf. At 13,48), disciplina-os por estímulos de flagelos e enfermidades e pelo espírito de compunção...” (IRg, n. 10, 3-5).

“Dois anos antes de sua morte, quando residia em São Damião, numa cela feita de esteira, padeceu tanto dos olhos a ponto de não poder ver a luz do dia nem a do fogo, durante mais de cinquenta dias.

Aconteceu, por permissão de Deus, que para aumentar suas provações e seus méritos, os ratos invadiram sua cela, [...] não o deixando nem repousar nem rezar. [...]

Vendo-se atormentado por tantas provações, uma noite o seráfico Pai teve piedade de si mesmo e disse: ‘Senhor, vem em meu socorro e vê minhas enfermidades para que as suporte com paciência’.

[No dia seguinte compôs um novo cântico de louvor às criaturas.] ‘Altíssimo, poderoso e bom Senhor, etc.’ Compôs a melodia deste cântico e ensinou a seus companheiros para que o recitassem cantando.

Sua alma encontrou nisto tanta doçura e refrigério que quis enviá-lo a Frei Pacífico, o qual no mundo fora chamado “o rei dos versos” e havia sido mestre de canto de uma corte. [...]

[Francisco queria que após o sermão, todos cantassem os louvores do Senhor, como jograis de Deus].

Terminados os louvores, desejava que o pregador dissesse ao povo:

‘Nós somos jograis de Deus e, como tais, queremos ser remunerados por estes cantos, isto é, que vivais na verdadeira penitência’. E acrescentava: ‘Que são, com efeito, os servos do Senhor, senão jograis que devem elevar o coração dos homens e levá-los à alegria espiritual?’ (Sp, cap. 100).

- Verdadeira caridade se comprova pela paciência para com os defeitos de seus semelhantes.

24. “Bem-aventurados os puros de coração”

“Mantinha uma vigilância contínua sobre si mesmo com rígida disciplina e tinha o máximo cuidado em proteger o tesouro inestimável da castidade, que carregamos em vasos de argila.

Esmerava-se em conservá-la com toda honra que devemos a uma virtude tão santa, pela pureza absoluta da alma e do corpo. No início de sua conversão, com a coragem e o fervor do Espírito, chegou, em pleno inverno, a se lançar num fosso d’água gelada ou de neve para sufocar inteiramente o inimigo que cada qual traz em si e preservar dos ataques da volúpia a veste branca da inocência. Foi por essas práticas que começou a brilhar nele a bela pureza, o inteiro domínio que ele obteve sobre a carne.

Parecia que tinha feito contrato com os olhos (cf. Jó 31,1): não só fugia a qualquer espetáculo que pudesse deleitar a carne, mas se recusava mesmo a olhar tudo o que apresentasse caráter de curiosidade ou de futilidade” (Lm, cap. 3, n. 2).

Vencida uma tentação “o demônio lhe aprontou

uma gravíssima tentação de luxúria. Mas o santo pai, logo que percebeu, tirou a roupa e se açoitou duramente com uma corda, dizendo: ‘Vamos, irmão asno, é assim que te deves comportar, é assim que tens de ser castigado. Esta é a túnica da religião, e não é permitido roubar. Se queres ir para algum lugar, que te vás!’

Quando viu que a tentação não ia embora nem com as chicotadas, apesar de já estar com o corpo todo marcado de sangue, abriu o cubículo, saiu para o bosque e mergulhou, despido, na neve alta.

Depois encheu as mãos de neve e fez sete torrões como bolas. Colocou-os à sua frente e começou a dizer a seu corpo: ‘Essa maior é tua mulher, essas outras quatro são teus dois filhos e duas filhas, as outras duas são o servo e a criada que precisas ter para o teu serviço. Trata de vestir a todos, que estão morrendo de frio. Mas, se te é molesto todo esse cuidado por eles, serve como solicitude a Deus somente’” (2C, 2º livro, cap. 82, n. 116s).

Dos ditos de Frei Egídio

“A nossa mísera e frágil carne humana é semelhante ao porco que sempre se deleita de jazer e de se sujar na lama. [...] A nossa carne é o

cavaleiro do demônio; porque combate e resiste a todas as coisas que são conformes a Deus e à nossa salvação’.

Um frade perguntou a Frei Egídio, dizendo-lhe: ‘Pai, ensina-me de que modo nos poderemos guardar do vício carnal?’

Ao que Frei Egídio respondeu: ‘Irmão meu, quem quiser deslocar algum grande peso ou uma pedra e mudá-la de uma para outra parte, convém que procure removê-la antes por engenho do que por força. E nós assim semelhantemente, se quisermos vencer os vícios carnis e adquirir a virtude da castidade, antes a poderemos adquirir pela humildade e pela boa e discreta direção espiritual, do que pela nossa presunçosa austeridade e força de penitência. Cada vício turva e obscurece a santa e resplendente castidade; porque a castidade é semelhante ao espelho claro, o qual se obscurece e turva, não somente pelo toque das coisas manchadas, mas até pelo hálito do homem. É coisa impossível poder o homem alcançar alguma graça espiritual enquanto se achar inclinado às concupiscências carnis: e por isso vira-te e revira-te como te aprouver, que não encontrarás outro remédio para chegar à graça espiritual, a não

ser que submetas todos os vícios carnis. E, portanto, combate valentemente contra a sensual e frágil carne tua, propriamente inimiga tua, a qual sempre te quer contradizer de dia e de noite: a qual carne, nossa mortal inimiga, quem vencer, esteja certo de que há vencido e destroçado todos os seus inimigos, e cedo chegará à graça espiritual e ao bom estado de virtude e perfeição’.

[Outro frade quis saber o que é propriamente a castidade.] Frei Egídio lhe respondeu: ‘Irmão meu, digo-te que propriamente é chamada castidade a solícita custódia e contínua guarda dos sentidos carnis...’” (DEg, n. 8).

25. “E eu trabalhava... e quero trabalhar” – I

“E os irmãos que forem capazes de trabalhar, trabalhem; e exerçam a profissão que aprenderam, enquanto não prejudicar o bem de sua alma e eles puderem exercê-la honestamente. Porquanto diz o Profeta: ‘Viverás do trabalho de tuas mãos: serás feliz e terás bem-estar’ (SI 127,2); e o Apóstolo: ‘Quem não quer trabalhar não coma’ (2Ts 3,10). ‘Cada qual permaneça naquele ofício e cargo para o qual foi chamado’ (ICor 7,24).

E como retribuição pelo trabalho podem aceitar

todas as coisas de que precisam, exceto dinheiro. E, se for necessário, podem pedir esmolas como outros pobres. E podem ter as ferramentas necessárias ao seu ofício” (1Rg, n. 7,4 8).

Quase às vésperas de sua morte confessou a um irmão: “Filho, posso testemunhar que sempre foi obediente [seu corpo], nunca poupou a si mesmo e até se precipitava para obedecer ao que eu queria. Não fugiu de trabalho nenhum, não escapou de nenhum incômodo, só quis cumprir o que eu mandava... (2C, 2º livro, cap. 160, n. 211).

“Nos primórdios da Ordem, quando os frades residiam em Rivortorto, próximo de Assis, havia entre eles um frade que rezava pouco, não trabalhava, mas comia bem.

Considerando esta conduta, São Francisco, inspirado pelo Espírito Santo, conheceu que era um homem carnal e lhe disse: ‘Segue teu caminho, irmão mosca, porque queres te alimentar do trabalho de teus irmãos e ficar ocioso na vinha do Senhor. És como o zangão ocioso e estéril que nada produz, porque não trabalha e, contudo, se nutre do trabalho e do ganho das laboriosas abelhas’.

Ouvida esta repreensão, aquele frade voltou para casa; e como era carnal não implorou misericórdia, nem a obteve” (Sp, cap. 24).

O Seráfico Pai afirmava que os frades indolentes que não se aplicavam a algum trabalho com humildade e simplicidade, serão rejeitados prontamente pela boca do Senhor.

“Por isso ninguém podia aparecer de mãos vazias ou ocioso diante do santo sem que este o repreendesse severamente. Ele mesmo, modelo de todas as perfeições, trabalhava humildemente com suas próprias mãos e não permitia que se desperdiçasse tempo, preciosíssimo dom de Deus.

E afirmava com frequência: ‘Desejo que todos os meus irmãos frades trabalhem, aplicando-se humildemente a bons trabalhos, a fim de serem menos onerosos aos homens e para evitar que o coração ou a língua divaguem na ociosidade. Que os que não sabem trabalhar aprendam”’ (Sp, cap. 75).

“Disse uma vez: ‘Quero que meus frades trabalhem e estejam sempre ocupados, e que aprendam algum ofício aqueles que não o souberem’.

E deu o motivo: ‘Para sermos menos pesados

para as pessoas e para que não fiquem vagando na ociosidade o coração e a língua” (2C, 2º livro, cap. 120, n. 161).

26. “E eu trabalhava.. .e quero trabalhar” – II

“Quanto à preguiça, sentina de todos os maus pensamentos, ensinava que se há de fugir dela com o maior cuidado e mostrava por seu exemplo que é preciso dominar a carne preguiçosa e rebelde mediante contínuas disciplinas e frutuosas fadigas. Por isso chamava o corpo de ‘irmão burro’, indicando assim que é necessário carregá-lo de trabalho e de fardos, puni-lo com chicotadas e ser sustentado com alimento ordinário e escasso. Por isso, quando via algum ocioso e vagabundo, desses que pretendem viver a expensas do suor dos outros, chamava-o de ‘irmão mosca’, porque este, nada fazendo de bom e usando mal dos benefícios recebidos, chega a se converter em objeto de abominação para todos.

Por isso, em certa ocasião assim se expressava: ‘Quero que meus irmãos trabalhem e se ocupem em algum trabalho honesto, para que não se entreguem a ociosidade e venham a cair por palavra ou pensamento em algo que seja ilícito ou pecaminoso’.

Queria que seus irmãos observassem o silêncio indicado no Evangelho, quer dizer, que em todas as circunstâncias evitassem com todo o cuidado qualquer palavra ociosa, de que no dia do juízo deverão prestar contas (cf. Mt 12,36)” (LM, cap. 5, n. 6).

“Permite-me, pai santo, levar hoje aos céus a minha lamentação por aqueles que se dizem teus. São muitos os que detestam o exercício das virtudes e, antes do trabalho, querem descansar, provando que não são filhos de Francisco, mas de Lúcifer. Temos mais enfermos que trabalhadores quando, nascidos para o trabalho, deveriam ver sua vida como uma luta.

Não gostam de progredir pela ação, e pela contemplação não o conseguem. Perturbam a todos com sua singularidade, trabalham mais com a boca que com as mãos, odeiam quem os repreende e não se deixam tocar nem com a ponta dos dedos.

O que mais me admira são aqueles que, como dizia São Francisco, em sua casa só conseguem viver suando e agora, sem trabalhar, alimentam-se com o suor dos pobres. Mas não são tolos! Não fazem nada mas parecem sempre ocupados. Sabem muito bem as horas das refeições e, quando a fome aperta muito

cedo, acusam o sol de se ter atrasado. Por tua glória, bom pai, deverei crer que essas monstruosidades sejam dignas de homens?

Acho que não merecem o hábito! Sempre ensinaste que, neste tempo passageiro e fugaz, precisamos nos enriquecer de méritos, para não ter que mendigar no futuro.

Mas esses frades deixam de gozar a pátria agora e ainda vão para o exílio. E essa doença grassa entre os súditos porque os superiores se omitem, como se fosse possível virem a escapar do suplício desses frades cujos vícios eles sustentam” (2C, 2º livro, cap. 121, n. 162).

27. Convivência fraterna – I

“E onde quer que estejam os irmãos, e sempre que se encontrarem em algum lugar, devem respeitar-se e honrar-se espiritual e diligentemente ‘uns aos outros, sem murmuração’ (IPd 4,9).

E guardem-se os irmãos de se mostrarem em seu exterior como tristes e sombrios hipócritas. Mas antes comportem-se como gente que se alegra no Senhor, satisfeitos e amáveis, como convém” (IRg, n. 7,14s).

“Bem-aventurado o homem que suporta o seu próximo com suas fraquezas tanto quanto quisera ser suportado por ele, se estivesse na mesma situação” (Adm, n. 18).

“Bem-aventurados os pacíficos, porque eles serão chamados filhos de Deus’ (Mt 5,9). São verdadeiramente pacíficos os que, no meio de tudo quanto padecem neste mundo, se conservam em paz, interior e exteriormente, por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Adm, n. 15).

“E se acontecia alguma vez de alguém dizer ao outro qualquer palavra que pudesse ofendê-lo, tanto lhe remordia a consciência, que não podia descansar até que não confessasse a sua culpa, prostrando-se no chão, humildemente, a fim de que o irmão ofendido lhe pusesse o pé sobre a boca. Se o irmão ofendido não o quisesse pôr o pé sobre a boca do ofensor, este, sendo superior, ordenava-lhe em nome da obediência; mas se o ofensor era súdito, ele mesmo fazia com que tal fosse ordenado pelo superior. Assim esforçavam-se por afastar todo rancor e malícia, conservando sempre entre si a perfeita caridade” (3S, cap. 11, n. 43).

“Reuniam-se com prazer e gostavam de estar juntos: para eles era pesado estarem separados, o afastamento era amargo e doloroso estarem desunidos.

Religiosos obedientes, não se atreviam a opor nada aos preceitos. Antes de acabarem de receber uma ordem, já se preparavam para cumpri-la” (1C, 1º livro, cap. 15, n. 39).

“Sempre manteve um desejo constante e um esforço vigilante para preservar entre seus filhos o vínculo da união, para que fossem formados pacificamente no seio da mesma mãe aqueles que tinham sido atraídos pelo mesmo espírito e gerados pelo mesmo pai” (2C, 2º livro, cap. 144, n. 191).

“Uma noite em que as dores não o deixaram dormir, [São Francisco] sentiu compaixão para consigo mesmo e disse aos companheiros: ‘Irmãos caríssimos e meus filhinhos, suportai sem enfado o desconforto e a fadiga que vos dá a minha doença. O Senhor, por mim, seu pobre servo, vos recompensará neste mundo e no outro das boas obras que tiverdes de abandonar para cuidar de mim; vós tereis maior recompensa do que aqueles que estão em seus serviços em toda a Ordem...’” (LP, n. 47).

28. *Convivência fraterna – II*

Certa vez [São Francisco] ouviu um frade denegrindo a fama de outro. Virou-se para Frei Pedro Cattani, seu vigário, e proferiu este terrível juízo: ‘A Ordem corre grande perigo, se não remediar os difamadores. [...] Levanta-te, levanta-te, faze uma inquisição severa e, se descobrires que o frade acusado é inocente, inflige um castigo tão duro no acusador que os outros nunca mais se esqueçam’ (2C, 2o livro, cap. 138, n. 182).

“Disse diversas vezes que aquele que despojasse seu irmão da boa fama, devia ser despojado de seu hábito e não poderia levantar os olhos para Deus enquanto não devolvesse o que tinha tirado. Foi por isso que os frades daquele tempo abominaram esse vício de maneira especial e estabeleceram firmemente que haveriam de evitar com todo o cuidado qualquer coisa que diminuísse a honra dos outros” (2C, 2º livro, cap. 138, n. 182).

“Quem já teve a solicitude de São Francisco pelos súditos? Levantava sempre as mãos ao céu pelos verdadeiros israelitas e, esquecendo de si mesmo, pensava primeiro na salvação dos irmãos.

Lançava-se aos pés da majestade de Deus,

oferecia um sacrifício espiritual pelos seus filhos, forçava a Deus a beneficiá-los. Tinha todo amor pelo pequeno rebanho que arrastara após si, temendo que, depois de perder o mundo, viessem a perder o céu também. Achava que não teria glória se não fizesse gloriosos em sua companhia àqueles que lhe tinham sido confiados, pois os estava dando a luz do espírito muito mais trabalhosamente que as suas mães os tinham posto no mundo” (2C, 2º livro, cap. 132, n. 174).

“Tinha muita compaixão para com os doentes e muita solicitude pelas suas necessidades. Quando seculares piedosos lhe mandavam remédios, embora precisasse mais que os outros, dava a outros doentes. Assumiu os sofrimentos de todos os que padeciam, dizendo-lhes palavras de compaixão quando não podia ajudar de outra maneira.

Chegava até a comer nos dias de jejum, para que os doentes não ficassem com vergonha de comer. E não se envergonhava de pedir publicamente, pela cidade, carne para um irmão doente. Mas admoestava os doentes a sofrer as privações com paciência e a não dar escândalo por não terem sido

satisfeitos em tudo” (2C, 2º livro, cap. 133, n. 175).

“Se um dos irmãos cair doente, os outros irmãos o não abandonem, esteja onde for, sem designar um ou, se necessário, mais irmãos, para o servirem como gostariam de ser servidos.

Mas em caso de absoluta necessidade poderão encarregar uma pessoa de confiança para cuidar dele durante sua enfermidade” (1Rg, n. 10,1-2).

“Bem-aventurado o servo que ama ao seu confrade enfermo, que não lhe pode ser útil, tanto como ao que tem saúde e está em condições de lhe prestar serviços” (Adm, n. 25,1).

“E, se algum deles cair doente, os outros irmãos o devem servir, como gostariam de ser servidos (cf. Mt 7,12)” (2Rg, n. 6,9).

29. Gestos de caridade e de compaixão – I

“Depois disto [o jovem Francisco], o amante de toda humildade, transferiu-se para o leprosário. Vivia com os leprosos, servindo a todos por amor de Deus, com toda diligência. Lavava-lhes a podridão dos corpos e limpava até o pus de suas chagas, como escreveu em seu Testamento: ‘Como estivesse

ainda em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos, mas o Senhor me conduziu para o meio deles e eu tive misericórdia com eles” (1C, 1º livro, cap. 7, n. 17).

- Este encontro inesperado com os leprosos marcou uma hora muito importante para Francisco. Ele aproveitou o convite da graça e deu outro rumo a sua vida.

Horas decisivas aparecem também em nossa vida. Depende tudo da nossa reação. Nem sempre percebemos a importância desses momentos.

“A partir de então, [Francisco] foi ficando cada dia mais humilde, até conseguir vencer-se a si mesmo, por misericórdia do Redentor...” (1C, 1º livro, cap. 7, n. 17).

“Com grande ternura se compadecia Francisco de todos os que se encontravam aflitos por causa de alguma enfermidade corporal. E quando notava em alguém indigência ou necessidade, na suave piedade do coração, a considerava como sofrimento do próprio Cristo.

A caridade de Cristo, infusa na sua alma, havia multiplicado a sua bondade inata. Seu coração se

comovia de piedade à vista dos pobres e doentes. E quando não podia socorrê-los materialmente, procurava ao menos mostrar-lhes seu amor.

Ouviu um dia um irmão maltratar um mendigo importuno; amante que era de todos os pobres, ordenou ao irmão: ‘Tira o hábito, lança-te aos pés deste pobre, reconhece publicamente tua falta, pede-lhe perdão e que reze por ti’.

O outro obedeceu humildemente, e o Pai lhe disse com bondade: ‘Quando vês um pobre, irmão, é a imagem do Senhor e de sua pobre Mãe que tens diante dos olhos. De igual modo debes considerar nos enfermos as misérias a que Cristo quis se sujeitar por nosso amor’” (LM, cap. 8, n. 5).

“E voltando um dia de Sena, encontrou um pobre; ele mesmo, por causa de sua doença, levava além do hábito um pequeno manto. Viu a miséria do pobre e não se conteve: ‘É preciso, disse ele ao companheiro, que devolvamos a esse homem o manto que lhe pertence. Nós o recebemos emprestado até encontrar uma pessoa mais pobre que nós’.

Mas o companheiro sabia dos cuidados que exigia o estado do pai e se opôs terminantemente a que socorresse o outro com prejuízo próprio. Mas ele

disse: ‘Minha convicção é que o Grande Esmoler me repreenderia como um roubo não dar a alguém que fosse mais necessitado aquilo que eu levo’.

Aliás, ao receber qualquer coisa em vista de sua saúde, costumava pedir licença ao doador para dar de presente a oferta, caso encontrasse quem fosse mais pobre do que ele.

Distribuía tudo o que recebia: mantos, túnicas, livros, toalhas do altar ou tapetes, tudo o que servisse de esmola aos pobres...” (LM, cap. 8, n. 5).

30. Gestos de caridade e de compaixão – II

“Quem poderá contar toda a compaixão que esse homem tinha para com os pobres? De fato, era de uma clemência nata, redobrada pela piedade infusa. Por isso, Francisco se derretia todo pelos pobres e aos que não podia estender a mão nunca deixava de ter seu afeto.

Qualquer carência ou penúria que visse em alguém dirigia seu pensamento em rápida conversão para Cristo. Via o Filho da pobre Senhora em todos os pobres, pois o levava em seu coração como ela o tinha carregado em seus braços.

Apesar de se ter livrado de toda inveja, só não conseguiu libertar-se da inveja da pobreza. Quando

via alguém mais pobre do que ele, sentia-se logo invejoso e, disputando em pobreza, ficava com medo de ser vencido pelo outro.

Certo dia, em que o homem de Deus andava pregando, encontrou um pobrezinho na rua. Vendo sua nudez, ficou compungido e disse a seu companheiro: ‘A miséria desse homem nos cobriu de vergonha e repreendeu fortemente nossa pobreza’. O companheiro respondeu: ‘Por que, irmão?’ E o santo, lamentando-se: ‘Escolhi a pobreza como minha senhora e minhas riquezas, e ela está brilhando muito mais nesse homem. Ou não sabes que por todo o mundo correu nossa fama de pobres por amor de Cristo? Mas esse pobre está provando que isso não é verdade’” (2C, 2º livro, cap. 51, n. 83s).

Outra vez, estando em Santa Maria da Porciúncula, uma pobre mulher idosa, que tinha dois filhos na Ordem, veio ao convento pedir esmola ao Bem-aventurado Francisco, porque nesse ano ela não tinha do que viver.

O santo perguntou a Frei Pedro Cattani [...]: ‘Podemos encontrar alguma coisa para esta pobre mãe?’ Ele dizia que a mãe dum frade era mãe dele e de todos os frades da Ordem.

Frei Pedro respondeu: ‘Em casa não temos nada para dar. [...] Na igreja temos só um Novo Testamento, por onde lemos as lições de Matinas. [...]’ ‘Pois bem, [...] dá a nossa mãe o Novo Testamento; que o venda, para prover às suas necessidades. Estou certo que dá-lo é mais do agrado do Senhor e da Santíssima Virgem do que lê-lo’. E deram-lhe o livro” (LP, n. 56).

“Outra vez, em Cole, [...] encontrou um pobrezinho. [...] Perguntou-lhe: ‘Como vais, irmão?’ Ele mal-humorado começou a amaldiçoar seu patrão, que lhe tinha tirado tudo que era seu. [...]

São Francisco, com maior pena de sua alma que de seu corpo, em vista desse ódio mortal, disse-lhe: ‘Irmão, perdoa o teu patrão por amor de Deus, para libertares tua alma. [...] Senão, além de perderes tuas coisas, acabarás perdendo tua alma também’.

Ele respondeu: ‘Não posso perdoar de maneira alguma, a não ser que primeiro devolva o que tirou’.

Como estava com uma pequena capa nas costas, São Francisco disse: ‘Eu te dou esta capa e te peço que perdoes teu patrão em nome do Senhor Deus!’

Acalmado e movido pelo benefício, o homem recebeu o presente e perdoou as injúrias” (2C, 2º livro, cap. 56, n. 89).

31. “*Que o Senhor te dê a paz!*” – I

“Como saudação, revelou-me o Senhor que disséssemos: ‘O Senhor te dê a paz!’” (Test, n. 6).

“Aconselho, admoesto e exorto a meus irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo que, ao irem pelo mundo, não discutam, nem porfitem com palavras, nem façam juízo de outrem, mas sejam mansos, pacíficos, modestos, afáveis e humildes, tratando a todos honestamente, como convém” (2Rg, n. 3,10-11).

“As palavras de Francisco tinham força não só quando ele estava presente, porque não voltavam sem fruto mesmo quando eram transmitidas por outros. Chegou uma vez a Arezzo e soube que a cidade inteira estava afogada numa luta interna. [...] O homem de Deus viu, acima daquela terra, demônios exultantes e cidadãos que punham fogo na destruição de seus próprios concidadãos.

Chamou Frei Silvestre [...] e lhe deu ordem dizendo: ‘Vai à frente da porta da cidade e, da parte de Deus todo-poderoso, manda aos demônios que saiam da cidade o quanto antes!’

[Frei Silvestre] clamou valentemente diante da porta: ‘Da parte de Deus e por ordem de

nosso pai Francisco, ide embora para longe daqui, diabos todos!’ E a cidade voltou à paz...” (2C, 2º livro, cap. 74, n. 108).

“Outra vez, uma mulher nobre e muito piedosa aproximou-se do santo, contou-lhe da dor que a oprimia e pediu-lhe o remédio acertado. Tinha um marido extremamente cruel que a privava de tudo quanto pertencia ao serviço de Deus. [...] Ao ouvir essas queixas da mulher, disse-lhe o santo: ‘Vai em paz, filha, e fica certa de que muito em breve receberás de teu marido um grande consolo’. E logo acrescentou: ‘Dize a teu marido, da parte de Deus e de minha parte, que agora é tempo de misericórdia e de perdão, mas que depois virá o tempo da justiça rigorosa’.

Recebida a bênção do santo, a mulher regressou à casa e, encontrando-se com seu marido, referiu-lhe o acontecido. De repente desceu o Espírito Santo sobre aquele homem e o transformou num homem novo, que com grande mansidão assim falou à mulher: ‘Amada esposa, entreguemo-nos desde agora ao serviço do Senhor e trabalhemos com empenho pela salvação de nossa alma’” (LM, cap. 11, n. 6).

Era ordem de São Francisco saudar o povo desta

forma: “Que o Senhor te dê a paz!” Certo frade – envergonhado com os comentários das pessoas a respeito dessa saudação - pediu ao santo uma outra saudação. “Mas São Francisco lhe respondeu: ‘Deixa-os dizer, pois não discernem os caminhos do Senhor. Quanto a ti, não te envergonhes, porque os nobres e poderosos deste mundo te hão de testemunhar veneração e respeito, a ti e aos outros irmãos, por causa desta saudação. Com efeito, não há nada mais extraordinário do que o fato de o Senhor ter desejado um povo novo, pobre e humilde, diferente de todos os que o precederam, por sua vida e suas palavras, que se contentasse em possuí-lo, a Ele somente, altíssimo e glorioso Senhor” (Sp, cap. 26).

32. “Que o Senhor te dê a paz!” – II

“Na ocasião em que [São Francisco] se encontrava muito doente, depois de compor os Louvores, o bispo de Assis excomungou o podestá. Como vingança, este mandou anunciar, ao som da trombeta, [... que] ninguém podia fazer comércio com o bispo. [...] Assim nasceu entre ambos feroz contenda. O bem-aventurado Francisco [...] interessou-se vivamente pela resolução da questão. Então disse

aos companheiros: ‘Para nós, servos de Deus, é uma vergonha, quando o bispo e o podestá se odeiam assim, não haver ninguém que vá restabelecer entre eles a paz e a concórdia’. E para esta circunstância, ajuntou aos Louvores esta estrofe:

*‘Louvado sejas tu, meu Senhor,
Por quem perdoa por teu amor;
Por quem sofre provações e doença;
Feliz quem as sustenta em paz,
Porque será por ti, Altíssimo, coroado!’*

‘Vai – disse a um dos seus companheiros –, e dize, em meu nome, ao podestá, que reúna os grandes da cidade e outros que possa convocar, e se dirijam ao palácio do bispo’.

Tendo este partido, disse a outros dois companheiros: Ide, e na presença do bispo, do podestá, e de quem lá estiver, entoareis o Cântico do Irmão Sol. Espero que o Senhor lhes tocará o coração com a humildade e a paz, e hão de voltar à antiga amizade e concórdia’.

Reunida a assembleia no largo do claustro do bispo, os dois frades levantaram-se. Um deles tomou a palavra e disse: ‘O bem-aventurado Francisco, na

sua doença, compôs os Louvores de Deus [...] para a glória de Deus e edificação dos homens. Ele vos pede que ouçais agora, com muita devoção’. Começaram os frades a cantar. O podestá ergueu-se e juntou as mãos, como se faz para ouvir o Evangelho do Senhor, e escutava com o maior recolhimento e devoção, irrompendo em soluços e lágrimas. [...]

Terminado o cântico, disse o podestá perante todos: ‘Na verdade vos digo que perdoe ao senhor bispo, que reconheço como meu senhor, como até perdoaria a alguém que me matasse um irmão ou um filho’. E lançando-se aos pés do bispo, disse: ‘Por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e do bem-aventurado Francisco, seu servo, estou pronto a dar-vos toda a satisfação que vos aprouver’.

O bispo ajudou-o a levantar-se, dizendo: ‘Por meu cargo deveria ser humilde, mas por natureza tenho um coração demasiado pronto para a cólera; tendes que me perdoar’.

E com muita cordialidade se abraçaram e beijaram.

Os frades, admirados, viam que a santidade do bem-aventurado Francisco havia realizado, à letra, o que ele tinha dito da paz e concórdia renascidas entre as duas personagens” (cf. LP, n. 44).

“Onde há paz e meditação, não há nervosismo nem dissipação” (Adm, n. 27, 4).

33. Oração

“Eterno Deus onipotente, justo e misericordioso, concedei-nos a nós míseros praticar por vossa causa o que reconhecermos ser a vossa vontade e querer sempre o que vos agrada, a fim de que, interiormente purificados, iluminados e abrasados pelo fogo do Espírito Santo, possamos seguir as pegadas de vosso Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, e por vossa graça unicamente chegar até vós, ó Altíssimo, que em Trindade perfeita e Unidade simples viveis e reinais na glória como Deus onipotente por toda a eternidade” (7Ct, n. 50).

34. Com Cristo pregado na cruz – I

“O homem novo, Francisco, tornou-se famoso por um novo e estupendo milagre: por um singular privilégio, jamais concedido nos séculos anteriores, ele foi marcado, ou ornado, com os sagrados estigmas, ‘tornando-se semelhante em seu corpo mortal ao do Crucificado’ (Rm7,24). [...]

O homem de Deus tinha pela cruz do Senhor um amor apaixonado, quer em público, quer em

particular. Apenas começara a servir sob o estandarte do Crucificado, e já a cruz gravava em sua vida as marcas de seu mistério...” (3S, cap. 2, n. 2).

“No dia que vem antes da festa da Santíssima Cruz do mês de setembro, estando São Francisco em oração [...] apareceu-lhe um anjo de Deus e disse-lhe [...]: ‘Eu te conforto e te advirto que te prepares e disponhas humildemente com toda a penitência para receber o que Deus quiser fazer de ti’.

Responde São Francisco: ‘Estou preparado para suportar pacientemente qualquer coisa que meu Senhor me queira fazer’.

Veio o dia seguinte, isto é, o dia da Cruz; e São Francisco [...] se pôs em oração [...]:

‘Ó Senhor meu Jesus Cristo, duas graças te peço que me faças antes que eu morra: a primeira é que em vida eu sinta na alma e no corpo, quanto for possível, aquelas dores que tu, doce Jesus, suportaste na hora da tua acerbíssima paixão; a segunda é que eu sinta no meu coração, quanto for possível, aquele excessivo amor do qual tu, Filho de Deus, estavas inflamado para voluntariamente suportar uma tal paixão por nós pecadores’”(Csd, 3a consid.).

“Dois anos antes de entregar sua alma ao céu, teve uma visão de Deus, em que viu um homem, com aparência de Serafim de seis asas, o qual pairou acima dele com os braços abertos e os pés juntos, pregado numa cruz. Duas asas elevavam-se sobre a cabeça, duas estendiam-se para voar e duas cobriam o corpo inteiro.

Quando o servo do Altíssimo viu isso, ficou sobremaneira admirado, mas não compreendia o sentido dela. Sentia um grande prazer e uma enorme alegria por ver que o Serafim olhava para ele com bondade e afável respeito. Sua beleza era indizível, mas o fato de estar pregado na cruz e a crueldade de sua paixão atormentaram-no imensamente.

De modo que se levantou triste e ao mesmo tempo alegre, alternando em si os sentimentos de alegria e de dor. [...]

...quando em suas mãos e pés começaram a aparecer, assim como as vira antes no homem crucificado, as marcas de quatro cravos.

Suas mãos e pés subitamente apareceram atravessados bem no meio dos cravos, surgindo as cabeças no interior das mãos e em cima dos pés com as pontas saindo de outro lado. [...] O lado direito parecia atravessado por uma lança, com

uma cicatriz fechada que muitas vezes sangrava...”
(3C, cap. 2, n. 4).

35. Com Cristo pregado na cruz – II

“O humilde santo tudo fazia para esconder os estigmas sagrados: o próprio Senhor, para sua glória, decidira realizar através deles milagres à luz do dia, a fim de tornar público por prodígios incontestes o poder que neles se ocultava e devia irradiar no meio das densas trevas do mundo como um astro fulgurante” (Lm, cap. 6, n. 5).

“...Frei Silvestre, um dos seus primeiros irmãos, e homem de grande virtude, viu sair da boca de Francisco uma cruz dourada, que abrangia, na extensão de seus braços, todo o universo. Frei Monaldo, conhecido por sua generosidade, pureza e austeridade, viu com os olhos de sua carne o Bem-aventurado Francisco crucificado. Este fato nos é atestado por escrito num relato digno de fé. [...]

[Francisco] mesmo tinha o costume e prescrevera a seus irmãos de prestar a qualquer imagem da cruz que eles percebessem as honras e o respeito que lhe são devidos (3C, cap. 2, n. 3).

“Quando estava doente e cheio de dores por todos os lados [Francisco disse a um companheiro:] ‘É bom ler os testemunhos das Escrituras, [...] mas eu já aprendi tantas coisas na Bíblia que para mim é mais do que suficiente meditar e recordar. Não preciso mais nada. [...] Já sei que o pobre Cristo foi crucificado’” (2C, 2º livro, cap. 71, n. 105).

“O sinal Tau era-lhe preferido acima de todos os outros: ele o utilizava como única assinatura para suas cartas e pintava-lhe a imagem nas paredes de todas as celas. Frei Pacífico, homem de Deus, agraciado por visões do céu, viu com os olhos de seu corpo um grande Tau de várias cores que brilhava com brilho de ouro sobre a fronte de seu bem-aventurado pai.

E não há nada de espantoso [...] de que a cruz, objeto de tanto amor, [...] tenha cumulado Francisco de tantas honras. Por esse motivo, é muito normal tudo o que nos é relatado sobre os estigmas” (3C, cap. 2, n. 3).

36. “Salve, ó Senhora santa... Mãe de Deus!” – I

“Seu amor à Mãe do Senhor Jesus era realmente indizível, pois nascia em seu coração ao considerar

que ela havia convertido em irmão nosso o próprio Rei e Senhor da glória e que por ela havíamos merecido alcançar a divina misericórdia.

Em Maria, depois de Cristo, depositava toda a sua confiança; por isso a constituiu advogada sua e de seus irmãos, e em sua honra jejuava devotamente desde a festa dos apóstolos São Pedro e São Paulo até o dia da Assunção” (LM, cap. 9, n. 3).

“Salve, ó Senhora santa, Rainha santíssima, Mãe de Deus, ó Maria, que sois Virgem feita igreja, eleita pelo Santíssimo Pai Celestial, que vos consagrou por seu Santíssimo e Dileto Filho e o Espírito Santo Paráclito! Em vós residiu e reside toda a plenitude da graça e todo o bem!

Salve, ó palácio do Senhor!

Salve, ó tabernáculo do Senhor!

Salve, ó morada do Senhor!

Salve, ó manto do Senhor!

Salve, ó serva do Senhor!

Salve, ó Mãe do Senhor, e salve vós todas, ó santas virtudes derramadas, pela graça e iluminação do Espírito Santo, nos corações dos fiéis, transformando-os de infiéis em (servos) fiéis de Deus!”

(SMD, n. 1-7).

São Francisco obteve do abade de São Bento do Monte Subásio uma pobre igreja dedicada a Nossa Senhora: a tal Poreiúncula, e os frades se mudaram para lá.

“Aliás, o local era muito apropriado, pois, conforme diziam os antigos moradores, também se chamava Santa Maria dos Anjos. O bem-aventurado pai dizia que lhe tinha sido revelado por Deus que Nossa Senhora tinha uma predileção por aquele lugar, entre todas as igrejas construídas no mundo em sua honra. E era por isso que o santo gostava mais dela que das outras” (2C, 1o livro, cap. 12, n. 19).

Francisco conduziu os seus doze irmãos à Santa Maria da Porciúncula, pois desejava que a Ordem dos irmãos menores crescesse e se desenvolvesse sob a proteção da Mãe de Deus (cf. LM, cap. 4, n. 5).

“Sempre amou esse lugar acima de qualquer outro no mundo, pois foi aí que ele principiou humildemente, progrediu na virtude e atingiu a culminância da felicidade. Foi esse lugar que ele confiou aos irmãos ao morrer como particularmente caro à Santíssima Virgem.

Cabe aqui referir a visão que teve um irmão a esse

respeito antes de se converter. Viu ele em volta dessa igreja uma multidão incalculável de pobres cegos, de joelhos, braços erguidos e semblantes voltados para o céu; com gritos e lágrimas, imploravam todos misericórdia e a luz dos olhos.

E eis que uma luz brilhante desceu do céu e os envolveu a todos restituindo-lhes a visão e a saúde que almejavam” (LM, cap. 2, n. 8).

**37. “Salve, ó Senhora santa...
Mãe de Deus!” – II**

“Este ‘santo dos santos’, lugar entre os lugares, é considerado por isso mesmo digno das maiores honras. [...]

Francisco a reconstruiu, quando ela foi totalmente destruída. Esta foi, com efeito, uma das três igrejas que o nosso pai restaurou pessoalmente.

Escolheu-a quando domava sua carne com cilício, e pela mortificação forçou o seu corpo a submeter-se ao espírito. [...]

Clara, esposa de Cristo, recebeu nesta igreja a tonsura, despojando-se das pompas do mundo para seguir a Cristo.

Aqui, para Cristo, a santa Virgem Maria gerou os frades e as Pobres Damas, e, por meio deles, deu

Cristo ao mundo. Aqui, a estrada larga do mundo antigo tornou-se estreita e a coragem dos que foram chamados tornou-se maior.

Aqui foi composta a Regra, a santa pobreza foi reabilitada, a vaidade humilhada e a cruz alçada às alturas” (Sp, cap. 84).

Um religioso chamado Morico, da Ordem dos Cruzados, estava doente e pediu orações a São Francisco. Este amassou bolinhos com migalhas de pão, misturados com um pouco de azeite da lâmpada que ardia diante do altar da Santíssima Virgem e mandou-os a Morico.

“Levai este remédio ao nosso irmão Morico. O poder de Cristo não só lhe devolverá a saúde, mas fará dele um soldado valoroso que se alistará em nossas fileiras para sempre’.

Realmente, mal o doente ingeriu o remédio, [...] levantou-se curado e encontrou de novo o vigor do corpo e da alma.

Entrou na Ordem sem demora e por muito tempo trouxe um cilício diretamente sobre o corpo...” (Lm, cap. 2, n. 7).

38. “Vós sois a Alegria e o Júbilo!” – I

“Vós sois a Alegria e o Júbilo” (BLe).

Francisco “estava sempre imperturbável e alegre, e entoava para si mesmo e para Deus cânticos de alegria em seu coração.

Por se ter alegrado tanto com a revelação tão pequena [revelação recebida ao abrir o livro do Santo Evangelho], mereceu o favor de uma outra bem mais importante, semelhante ao servo fiel nas coisas pequenas que foi estabelecido senhor sobre maiores” (1C, 2º livro, cap. 2, n. 93).

Assim exortou seus irmãos na Ordem: “Mas antes comportem-se como gente que se alegra no Senhor, satisfeitos e amáveis, como convém” (IRg, n. 7,16).

“Bem-aventurado o religioso que não sente prazer nem alegria senão nas santas palavras e obras do Senhor e por elas conduz os homens em júbilo e alegria ao amor de Deus” (Adm, n. 21, ls).

“O santo garantia que o remédio mais seguro contra as mil armadilhas e astúcias do inimigo era a alegria espiritual. Costumava dizer: ‘A maior alegria do diabo é quando pode roubar ao servo de Deus

o gozo do espírito. Carrega um pó para jogar nos menores meandros da consciência, para emporcalhar a candura da mente e a pureza de vida.

Mas quando os corações estão cheios de alegria espiritual, a serpente derrama à toa o seu veneno mortal.

Os demônios não conseguem fazer mal ao servidor de Cristo quando o veem transbordante de santa alegria. Quem tem o ânimo choroso, desolado e triste é facilmente absorvido pela tristeza ou então é levado a alegrias vãs’.

Por isso o santo tratava de viver sempre no júbilo do coração, conservando a unção do espírito e o óleo da alegria. Evitava com muito cuidado a horrível doença da tristeza, a tal ponto que, era só sentir fraquejar um pouco, ele já corria a rezar.

Dizia: ‘Quando o servo de Deus se sente perturbado por alguma coisa, como acontece, deve levantar-se quanto antes para rezar, e ficar firme diante do Pai supremo até que lhe devolva sua alegria salutar. Porque, se a tristeza demorar muito, fará desenvolver-se o mal babilônico que, se não for lavado pelas lágrimas, produzirá no coração uma ferrugem que vai ficar’” (2C, 2º livro, cap. 88, n. 125).

“Costumava dizer: ‘Se o servo de Deus se dispõe

a alcançar e conservar interior e exteriormente a alegria de espírito, que provém da pureza do coração e se obtém pela piedade na oração, os demônios não poderão causar-lhe mal algum e hão de dizer: ‘Porque o servo de Deus possui a alegria tanto na adversidade como na prosperidade, não encontramos meios de penetrar nele e molestá-lo’.

...o diabo pode alcançar alguma coisa para si do servo de Deus [se este não] procura, quanto antes, destruí-lo e aniquilar-lhe a influência por meio da santa oração, da contrição e da confissão; o demônio fará em pouco tempo do fio do cabelo uma corda que engrossará continuamente.

Pois, meus irmãos, esta alegria de espírito brotará da limpidez do coração e da pureza da oração contínua.

Urge, pois, que vos empenheis, antes de tudo, por adquirir e conservar estas duas virtudes, para poderdes possuir, interior e exteriormente, esta mesma alegria que amo com toda minha alma e desejo firmemente encontrar em vós e em mim, para a edificação do próximo e confusão do inimigo.

A este e a seu cortejo infernal cabe a tristeza, a nós a alegria e o regozijo de estarmos no Senhor” (Sp, cap. 95).

39. “*Vós sois a Alegria e o Júbilo!*” — II

“Desde o princípio de sua conversão até o dia da morte, o Bem-aventurado Francisco, embora sempre muito severo para com seu corpo, numa coisa punha o máximo cuidado: em possuir e conservar, no corpo e na alma, a santa alegria.

Dizia ele que, se o servo de Deus se empenhasse em possuir e conservar a alegria interior e exterior, que procede da pureza do coração, os demônios não lhe farão mal algum. [...]

Um dia, repreendeu um de seus companheiros, que se apresentava com ar triste e de semblante carregado: ‘Por que mostras assim tua tristeza e a dor dos teus pecados? Isso é assunto entre ti e Deus. Pedele, por sua misericórdia, que te restitua a alegria da salvação. Diante de mim e dos outros, trata de te mostrar sempre alegre, porque não convém ao servo de Deus aparecer diante dos irmãos, um dos outros, de cara triste e enjoada’.

[Se os demônios], ‘nem comigo nem com meus companheiros conseguem os seus intentos, fogem cheios de confusão’” (LP, n. 97).

“...um dia o Bem-aventurado Francisco, perto de Santa Maria dos Anjos, chamou a Frei Leão e lhe

disse: ‘Frei Leão, escreve’. Este respondeu: ‘Eis-me pronto’. ‘Escreve, disse, o que é a verdadeira alegria’.

‘Vem um mensageiro e diz que todos os mestres de Paris entraram na Ordem. Escreve: não está aí a verdadeira alegria.

E igualmente que entraram na Ordem todos os prelados de Além-Alpes, arcebispos e bispos, o próprio rei da França e o da Inglaterra. Escreve: não está aí a verdadeira alegria.

E se receberes a notícia de que todos os meus irmãos foram pregar aos infieis e converteram a todos para a fé, ou que eu recebi tanta graça de Deus que curo os enfermos e faço muitos milagres: digo-te que em tudo isso não está a verdadeira alegria’.

‘Mas, o que é a verdadeira alegria?’

‘Eis que volto de Perugia no meio da noite, chego aqui num inverno de muita lama e tão frio que na extremidade da túnica se formaram caramelos de gelo que me batem continuamente nas pernas fazendo feridas. E todo envolvido na lama, no frio e no gelo, chego à porta, e depois de bater e chamar por muito tempo, vem um irmão e pergunta: Quem é? E eu respondo: Frei Francisco. E ele diz: Vai-te embora; não é hora própria de chegar, não entrarás.

E ao insistir, ele responde: Vai-te daqui, és um ignorante e idiota, agora não poderás entrar; somos tantos e tais que não precisamos de ti.

E eu fico sempre diante da porta e digo: por amor de Deus, acolhei-me por esta noite. E ele responde: não o farei. Vai aos crucíferos e pede lá.

Pois bem, se eu tiver tido paciência e permanecer imperturbável, digo-te que aí está a verdadeira alegria, a verdadeira virtude e salvação da alma” (OD, n. 17-31).

“...mas Frei Elias, vendo que São Francisco se reconfortava no Senhor e se fortalecia apesar de seus graves sofrimentos, disse-lhe: ‘Irmão caríssimo, sinto-me grandemente consolado e edificado pela alegria que experimentas e mostras a teus companheiros, nas tuas enfermidades, [mas] ao ouvir-te assim cantar os Louvores do Senhor, dia e noite, poderão dizer: ‘Como pode mostrar tamanha alegria, se está à morte? Deveria pensar e meditar’.

Ao ouvi-lo, o santo pai replicou-lhe: ‘Lembra-te da visão que tiveste em Foligno, na qual, segundo me disseste, te foi revelado que eu não viveria mais de dois anos? [... Depois disso] fui levado a meditar mais ainda sobre minha morte...’ [...]

‘Deixa-me, irmão, alegrar-me no Senhor e cantar seus louvores no meio de meus sofrimentos porque, pela graça do Espírito Santo, eu estou tão unido a meu Senhor que, por sua misericórdia, posso muito bem rejubilar no Altíssimo!’” (Sp, cap. 121).

40. “Louvado sejam, meu Senhor, com todas as tuas criaturas!” – I

Francisco costumava dizer: “A vida dos irmãos entre os homens deveria ser de tal forma que todo aquele que os visse e os escutasse, glorificasse e devotamente louvasse o Pai celeste” (3S, cap. 14, n. 58).

Francisco “tinha uma visão, uma atitude de espírito, semelhante à simplicidade da pomba; tudo o que via, sua contemplação o colocava em relação ao soberano Artífice. Em cada objeto descobria o Criador, amando-o e louvando-o. Desse modo, por um favor da bondade do céu, chegou a possuir tudo em Deus e Deus em tudo.

Pelo hábito de retornar sempre à origem de todas as coisas, dava o nome de irmão e irmã às criaturas, mesmo as mais humildes, uma vez que elas e ele haviam nascido do mesmo princípio. [...]

Por isso os animais sentiam-se atraídos a ele,

e mesmo as coisas inanimadas obedeciam a sua vontade, como se a simplicidade e a justiça do santo o tivessem feito voltar ao estado de inocência original.

Francisco estava tão repleto desse espírito de amável compaixão, nascido da fonte da misericórdia, que parecia ter carinho de mãe diante dos sofrimentos dos que se encontravam na miséria” (Lm, cap. 3, n. 6s).

“Seria muito longo e praticamente impossível enumerar e descrever tudo o que o glorioso pai São Francisco fez e ensinou enquanto viveu na carne. [...] Na verdade enchia-se muitas vezes de uma alegria admirável e inefável quando olhava para o sol, a lua, as estrelas e o firmamento.

Que piedade simples, e que simplicidade piedosa!

Tinha um amor enorme até pelos vermes, por ter lido sobre o Salvador: Sou um verme e não um homem. Recolhia-os por isso no caminho e os colocava em lugar seguro, para não serem pisados pelos que passavam. [...]

Que alegria sentia diante das flores, vendo sua beleza e sentindo seu perfume! [... Também] convidava com muita simplicidade os trigais e as vinhas, as pedras, os bosques e tudo que há de bonito nos campos, as nascentes e tudo que há de verde

nos jardins, a terra e o fogo, o ar e o vento, para que tivessem muito amor e fossem generosamente prestativos” (1C, Iº livro, cap. 29, n. 80s).

“Entre todas as aves, amava especialmente a uma pequenina chamada cotovia, ou como se diz comumente ‘cotovia de capuz’. Dizia dela: ‘A irmã cotovia ostenta seu capuz como um religioso, e é um humilde pássaro que percorre voluntariamente os caminhos para encontrar qualquer grão e, embora o encontre no esterco, o retira e come. No seu voo canta suavemente os louvores ao Senhor.’” (Sp, cap. 113).

“As vezes resgatava cordeiros levados ao matadouro, em lembrança do Cordeiro mansíssimo que desejou ser levado à morte para resgatar os pecadores. [...]

Viajando certa vez pelos arredores de Sena, encontrou nos campos um grande rebanho de ovelhas. Mal as saudou, afavelmente, e todas pararam de pastar e correram para ele. [... e] os pastores e irmãos ficaram maravilhados.” (LM, cap. 8, n. 6s).

“Outra ocasião, em Greccio, ofereceram ao

homem de Deus uma lebrezinha viva que, posta no chão e livre para fugir para onde queria, correu para o regaço do bondoso pai quando este a chamou.

Francisco acariciou-a com ternura e afeto, [...] depois admoestou-a gentilmente que não mais se deixasse apanhar e permitiu-lhe ir-se embora em liberdade. Em vão, porém, colocaram em terra para que fugisse. Ela voltava ao pai como se por um instinto secreto percebesse a piedade de seu coração. Por fim, por ordem do pai, os irmãos a levaram a lugares mais distantes e mais seguros” (LM, cap. 8, n. 8).

“Uma cigarra, em Santa Maria da Porciúncula, gostava de morar numa figueira perto da cela do homem de Deus e seu canto era um estímulo contínuo ao louvor de Deus. [...] Certo dia, o servo do Senhor chamou a cigarra, que [...] voou para sua mão, e disse-lhe Francisco: ‘Canta, irmã cigarra, louva com teu júbilo a Deus Criador’. E ela, obedecendo, começou a cantar e só parou para voltar à sua árvore, por ordem do pai” (LM, cap. 8, n. 9).

***41. “Louvado sejas, meu Senhor, com todas as
tuas criaturas!” – II***

“O santo estava doente em Sena, e um nobre lhe enviou um faisão vivo que ele acabava de capturar.

Assim que a ave o viu e ouviu, de tal maneira se afeioou a ele, que não mais queria se separar dele. Por diversas vezes, transportado para longe do convento, [...] voltava de novo em rápido voo ao pai, como se houvesse sido sempre alimentado por sua mão.

Entregue mais tarde a um homem que vinha frequentemente visitar o santo, [...] não quis se alimentar. [...]

...passarinhos de toda a espécie vieram voar em volta de sua cela, como para lhe mostrar por seus pios e revoadas a alegria por sua vinda [... e] forçá-lo a permanecer. [...]

Durante essa estadia aí, um falcão que morava por aquelas partes fez com ele um pacto de amizade: à noite, chegando a hora em que o santo tinha por hábito levantar-se para recitar o ofício divino, ele o antecipava sempre com seu canto. [...] Mas quando o servo de Deus piorava em suas enfermidades, o falcão se mostrava muito atento e condescendente, não o despertando a horas impróprias da noite” (LM, cap. 8, n. 10).

“No tempo da doença da vista, sendo obrigado a permitir que cuidassem dele, chamaram um médico. Ele veio, trouxe um ferro de cauterizar e mandou colocá-lo no fogo até ficar em brasa.

O bem-aventurado pai, animando o corpo já abalado de medo, assim falou com o fogo: ‘Meu irmão fogo, o Altíssimo te fez forte, bonito e útil, para emulares a beleza das outras coisas. Sê amigo meu nesta hora, sê delicado, porque eu sempre te amei no Senhor. Rogo ao grande Senhor que te criou, para que abrande um pouco o teu calor, para que queime com suavidade e eu possa aguentar’.

Depois da oração, fez o sinal-da-cruz e desde então aguentou firme” (2C, 2º livro, cap. 125, n. 166).

42. O Cântico do Irmão Sol

*“Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
teus são o louvor, a glória, a honra
e toda a bênção.*

*Só a ti, Altíssimo, são devidos;
e homem algum é digno
de te mencionar.*

*Lowado sejam, meu Senhor,
com todas as tuas criaturas,
especialmente o senhor Irmão Sol,
que clareia o dia
e com sua luz nos alumia.*

*E ele é belo e radiante
com grande esplendor:
de ti, Altíssimo, é a imagem.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
pela Irmã Lua e as Estrelas,
que no céu formaste claras
e preciosas e belas.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
pelo Irmão Vento,
pelo ar, ou nublado,
ou sereno, e todo o tempo,
pelo qual às tuas criaturas dás sustento.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
pela Irmã Água,
que é mui útil e humilde
e preciosa e casta.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
pelo Irmão Fogo
pelo qual ilumina a noite.
E ele é belo e jucundo
e vigoroso e forte.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
por nossa irmã, a Mãe Terra,
que nos sustenta e governa,
e produz frutos diversos
e coloridas flores e ervas.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
pelos que perdoam por teu amor
e suportam enfermidades e tribulações.
Bem-aventurados os que as sustentam
em paz,
que por ti, Altíssimo, serão coroados.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
por nossa Irmã a Morte Corporal,
da qual homem algum pode escapar.
Ai dos que morrerem em pecado mortal!
Felizes os que ela achar
conformes à tua santíssima vontade,
porque a morte segunda não lhes fará mal!*

*Louvai e bendizei a meu Senhor,
e dai-lhe graças
e servi-o com grande humildade” (Cant).*

43.No lagar da vida: tribulações e tentações

“Ide, dizia o bem-aventurado pai a seus filhos, anunciai paz a todos os homens; pregai-lhes a penitência para a remissão dos pecados; sede pacientes na tribulação, solícitos na oração, sofridos na adversidade, ativos e constantes no trabalho; modestos nas palavras, sérios em vossos costumes e agradecidos ao receber benefícios.

Sabei que, em recompensa de tudo isso, vos está prometido um reino que não terá fim” (LM, cap. 3, n. 7).

“Onde o temor de Deus está guardando a casa (cf. Lc 11,21), o inimigo não encontra porta para entrar” (Adm, n. 27, 5).

43.1. Sofrimentos corporais

“Por este tempo, seu corpo começou a sofrer diversas doenças [sofria do estômago, baço, fígado; contraiu uma longa e dolorosa doença dos olhos e morreu de hidropsia], e mais graves do que de costume.

Ele sempre tivera alguma enfermidade, pois tinha castigado seu corpo com perfeição para reduzi-lo à servidão, desde muitos anos antes.

Durante dezoito anos, que agora estavam terminando, seu corpo tivera pouco ou nenhum descanso, pois tinha andado por regiões diversas e muito distantes, para semear por toda parte as sementes da Palavra de Deus com aquele espírito decidido, devoto e fervente que nele residia.

Enchia toda a terra com o Evangelho de Cristo de tal maneira que num único dia chegava a passar por quatro ou cinco povoados, ou mesmo cidades, anunciando a todos o reino de Deus, e edificando os ouvintes, tanto pela palavra como pelo exemplo, pois pregava com toda a sua pessoa.

Havia nele tamanha concordância entre o material e o espiritual, tanta obediência que, enquanto ele procurava atingir a santidade, o corpo não só não impedia como até lhe corria adiante, de acordo com o que está escrito: ‘Minha alma teve sede de vós, e o meu corpo mais ainda’” (1C, 2º livro, cap. 4, n. 97).

“Os frades o aconselhavam constantemente que desse um pouco de alívio ao corpo enfermo e tão debilitado, recorrendo ao auxílio dos médicos. Mas ele, com seu nobre espírito voltado para o céu, desejando apenas dissolver-se para estar com Cristo, recusava-se terminantemente a isso” (1C, 2º livro, cap. 4, n. 98).

O Cardeal Hugolino aconselhou o santo pai a cuidar de sua saúde. “Só que a doença tinha se agravado tanto que para qualquer melhora exigia uma habilidade muito grande e remédios muito dolorosos. Por essa razão, embora lhe tenham cauterizado a cabeça em diversos lugares, feito sangrias, colocado emplastos e derramado colírios, nada adiantou. Quase sempre foi ficando pior.

Suportou isso quase durante dois anos, com toda paciência e humildade, dando em tudo graças a Deus (1C, 2º livro, cap. 5 e 6, n. 101s).

Um frade perguntou-lhe “o que preferia suportar: essa doença constante e demorada ou ser cruelmente martirizado. [...]. Respondeu: ‘Filho, para mim a melhor coisa, a mais agradável e desejável sempre consistiu em fazer o que o Senhor mais desejar de mim e em mim. A única coisa que desejo é estar sempre de acordo e obedecendo a sua vontade em tudo e por tudo’ [...].

Duas vezes mártir era ele, que suportava de boa vontade, risonho e alegre, o que para os outros era duro e insuportável...” (1C, 2º livro, cap. 7, n. 107).

43.2. Sofrimentos espirituais

“A um frade que lhe perguntou, uma vez, por que tinha deixado o cuidado de todos os frades,

entregando-os a outras mãos, [...] disse: ‘Filho, amo os frades como posso. Mas haveria de amá-los mais ainda se seguissem meus passos, e não os entregaria a outrem... Porque há alguns superiores que os conduzem por outros caminhos’. [...]

Pouco depois, muito doente, endireitou-se na cama [...] e disse: ‘Quem são esses que arrebataram de minhas mãos a Ordem que é minha e dos frades?’ [...]

[Outra vez disse:] ‘Vivam à vontade, porque é preferível o mal de poucos à perdição de muitos!’” (2C, 2º livro, cap. 141, n. 188).

E foi-lhe dito em espírito: “Aqueles que seguem o meu caminho têm-me a mim e possuirão ainda outras coisas, mas aos que se afastam dele ser-lhes-á tirado o que julgam possuir. Por isso te digo que não te entristeças assim; faze o que tens a fazer; aplica-te a tua obra, porque a Ordem dos frades plantei-a eu em caridade perpétua.

Sabe, tenho tanto amor a esta Ordem que, se um dos frades a abandonar e morrer fora dela, mandarei outro que em seu lugar receba a coroa que lhe era destinada” (LP, n. 86).

“Com tais palavras colheu o Bem-aventurado

Francisco consolação de espírito, porque não era pequena a desolação em que andava, por causa dos maus exemplos de que lhe iam chegando notícias. Daí em diante, quando tomava conhecimento de algum escândalo, se bem que não conseguisse de todo vencer a tentação da tristeza, evocava as palavras consoladoras do Senhor, e falava delas em conversa com seus companheiros.

Frequentemente dizia o bem-aventurado Francisco nos capítulos e instruções a seus frades: ‘Eu obriguei-me com juramento e resolvi observar a Regra; do mesmo modo, todos os frades se obrigaram também. Portanto, desde que deixei o governo dos frades, aliás, por causa das minhas enfermidades e para maior bem da minha alma e da deles, não tenho para com eles outra obrigação, senão a de dar exemplo.

Isto me ensinou o Senhor e o tenho por certo: ainda que a doença não me obrigasse a renunciar, a melhor ajuda que posso dar à Ordem é a minha entrega à oração contínua, pedindo ao Senhor que a governe, conserve, proteja e a defenda. Nisto me comprometi perante o Senhor e os irmãos, a saber: que, se por meu mau exemplo algum deles se perder, terei de dar contas ao Senhor. [...]

Portanto, sabendo os meus frades [irmãos] o que devem fazer e evitar, nada mais me resta senão pregar-lhes com o exemplo...” (LP, n. 87).

“Da mesma maneira, quem comprometia a Ordem com más ações e maus exemplos incorria na sentença pesada de sua maldição. [Soa terrível a sua maldição:] ‘Que sejam amaldiçoados por vós, santíssimo Senhor, por toda a corte celestial e também por este vosso pobrezinho, os que por seu mau exemplo confundem e destroem o que por vossos santos ir mãos desta Ordem edificastes e de edificar não cessais’. [...]

Dizia que ‘os bons frades são confundidos pelas ações dos maus frades e, mesmo não tendo pecado, são postos em julgamento pelo exemplo dos perversos. Por isso me estão atravessando com uma cruel espada, que enterram o dia inteiro em meu coração’.

Por essa razão, afastava-se o mais que podia da companhia dos frades, para não ter sua dor renovada por ouvir coisa má contada a respeito de algum deles. E dizia: ‘Tempo virá que esta Ordem, amada por Deus, vai ser difamada pelos maus exemplos, a ponto de ficarem envergonhados de sair em público’” (2C, 2º livro, cap. 116, n. 156s).

43.3. No combate das tentações

“Na medida em que cresciam os méritos de São Francisco, crescia também sua discordância com a ‘antiga serpente’. Quanto maiores seus carismas, mais sutis eram as tentações e mais pesadas as lutas.

Porque, embora o demônio tivesse comprovado muitas vezes que ele era um homem combativo e valoroso, e não abandonava a luta por uma hora sequer, continuava sempre a agredir o vencedor.

Certa ocasião o santo pai teve gravíssima tentação de espírito, certamente para engrandecimento de sua coroa. Angustiava-se e se enchia de dores, afligia e macerava o corpo, orava e chorava arduamente. Depois de diversos anos nessa luta, estava um dia rezando em Santa Maria da Porciúncula, quando ouviu uma voz em espírito: ‘Francisco, se tiveres fé como um grão de mostarda, dirás a uma montanha para se mudar e ela se mudará’. Respondeu o santo: ‘Senhor, que montanha eu haveria de querer mudar?’ E ouviu outra vez: ‘A montanha é a tua tentação’. Então ele disse a chorar: ‘Faça-se em mim, Senhor, como dissestes’. A tentação foi expulsa na mesma hora, ele ficou livre e absolutamente sossegado em seu interior” (2C, 2º livro, cap. 81, n. 115).

“As grandes graças que o homem recebe de Deus, não as pode possuir em tranquila paz; porque nascem

muitas coisas contrárias e muitas perturbações e muitas adversidades contra essas graças; pois o homem quanto mais é agradável a Deus, tanto mais fortemente é combatido e atormentado pelos demônios.

O homem, no entanto, nunca deve cessar de combater para poder conservar a graça recebida de Deus, porque, quanto mais forte for a batalha, tanto mais preciosa será a coroa se ele vencer a pugna. [...]

‘Os péssimos demônios têm por usança perseguir e tentar o homem, quando em alguma enfermidade ou fraqueza corporal; [...] porque esses malignos conhecem que em tal hora e situação o homem é mais capaz de receber tentações’” (DEg, n. 9).

43.4. Amparo aos irmãos tentados

“Um frade chamado Ricério, nobre de coração como de nascimento, tinha tamanha confiança nos merecimentos de São Francisco, que achava que mereceria a graça de Deus aquele a quem São Francisco desse algum sinal de sua benevolência. [...] Como tinha uma vontade enorme de merecer a amizade do santo, tinha medo de que descobrisse nele algum vício oculto, fazendo com que seu favor ficasse mais distante.

Quando esse frade já estava sendo afligido, [...]

sucedeu que entrou na cela em que São Francisco estava rezando. Estava perturbado como de costume. Percebendo tanto a sua chegada como seu estado de ânimo, o homem de Deus o chamou com bondade e lhe disse: ‘Não tenhas medo, filho, nem te perturbe nenhuma tentação, porque gosto muito de ti, e és mesmo um dos mais queridos. [...] Quando quiseres, vem a mim com segurança’. [...] O frade se espantou bastante e se alegrou com as palavras do santo pai. A partir de então, seguro de sua amizade, cresceu também, como acreditava, na graça do Salvador” (2C, 2º livro, cap. 16, n. 44 a).

“Um frade de grande piedade [...] começou a ser atormentado com gravíssimas e angustiosas tentações, [... sentindo] vergonha de se confessar. Em compensação, mortificava-se de maneira excessiva. [...]

Certo dia [... São Francisco] disse-lhe: ‘Irmão caríssimo, quero e ordeno-te que, desde agora, fiques desobrigado de confessar a quem quer que seja essas tentações e fantasias do demônio. Não tenhas receio. Elas não te fizeram mal algum à alma. Mas, sempre que te sentires perturbado com essas tentações, o que te permito é que rezes sete vezes o Pai-Nosso’.

O irmão ficou muito confortado [... ficando]

em grande paz e serenidade de alma e de corpo” (LP, n. 7).

“E nisto reconhecerei que amas realmente Senhor e a mim, servo dele e teu, se fizeres o seguinte: não haja irmão no mundo, mesmo que tenha pecado a não poder mais, que, após ver os teus olhos, se sinta talvez obrigado a sair de tua presença sem obter misericórdia, se misericórdia buscou. E se não buscar misericórdia, pergunta-lhe se não a quer receber. E se, depois disto, ele se apresentar ainda mil vezes diante de teus olhos, ama-o mais do que a mim, procurando conquistá-lo para o Senhor. E tem sempre piedade de tais irmãos” (6Ct, n. 5-7).

Bênção a Frei Leão

Frei Leão “tinha vontade de ter algum escrito edificante com as palavras do Senhor, anotadas brevemente pela mão de São Francisco. [O Santo o soube e lhe disse:] ‘Traz-me papel e tinta, porque quero escrever as palavras do Senhor e seus louvores, que meditei em meu coração’.

[E Francisco escreveu esta bênção:

‘O Senhor te abençoe e te proteja. Mostre-te a sua face e se compadeça de ti. Volva a ti o seu rosto e te dê a paz’ (Nm 6,24-26). Frei Leão, o Senhor te abençoe! - BLe]

‘Recebe este pedaço de papel e guarda-o diligentemente até o dia de tua morte.’

A tentação desapareceu na mesma hora. O escrito foi guardado e, posteriormente, realizou coisas admiráveis (2C, 2º livro, cap. 20, n. 49).

44. A despedida do pai

“Diz o sábio que, no fim do homem, suas obras são postas às claras. Neste santo vemos que isso se realizou por completo, e gloriosamente. Ele percorreu com alegria interior o caminho dos mandamentos de Deus, chegou ao alto passando pelos degraus de todas as virtudes...” (2C, 2º livro, cap. 162, n. 214).

“... o Bem-aventurado Francisco, ao ver que sua doença se agravava, pediu que o transportassem de maca para Santa Maria da Porciúncula. Já não conseguia cavalgar, devido à prostração a que o levava a cruel doença. Tendo os seus portadores seguido o caminho que passava junto ao hospital, [entre Assis e Santa Maria dos Anjos] pediu que aí pousassem a maca e o colocassem com o rosto voltado para a cidade de Assis. [...]

Então ergueu-se um pouco e abençoou a cidade, dizendo: ‘Senhor, penso que outrora esta cidade deu

abrigo e morada a gente malvada. [...]

Mas agora vejo que, pela tua infinita misericórdia, no tempo por ti escolhido, manifestaste a esta cidade as riquezas do teu amor; ela transformou-se na morada daqueles que te devem conhecer e dar glória ao teu nome, e espalhar em todo o povo cristão o perfume de uma vida pura, da boa doutrina e da boa reputação.

Peço-te, Senhor Jesus Cristo, Pai de misericórdia, que não olhes a nossa ingratidão, mas te lembres do amor infinito que dispensaste a esta cidade. Seja ela para sempre morada e habitação de gente que te conheça, e glorifique o teu nome bendito e glorioso, pelos séculos dos séculos. Amém’.

Ditas estas palavras, levaram-no para Santa Maria da Porciúncula” (LP, n. 99).

O estado de saúde de Francisco agravou-se de tal modo “que seus companheiros, supondo ter chegado a hora de sua morte, perguntaram-lhe, com grande dor e efusão de lágrimas: ‘Pai, que faremos nós sem ti? A quem deixas os teus órfãos? [Pai, dá-nos a tua bênção.’ [Então pediu a Frei Bento de Pirato:] ‘Escreve que eu dou a bênção a todos os meus frades aqui presentes, não só aos que estão na Ordem, mas também aos que vierem a pertencer a ela até o fim

do mundo, [...] desejo manifestar simplesmente, em três palavras, a minha vontade [...]: Que eles, em minha memória, de minha bênção e de meu testamento, se amem sempre uns aos outros, como eu os amei e amo. Que respeitem e amem sempre a nossa Senhora Pobreza, que se mostrem sempre fiéis e obedientes aos bispos e padres da nossa santa Mãe Igreja” (Sp, cap. 87).

Quando Francisco soube por um irmão que sua morte se aproximava, “não obstante a fraqueza causada pela enfermidade, começou a louvar o Senhor com toda a alma e com visível alegria, respondendo ao irmão: ‘Se a minha morte está para breve, digam a Frei Ângelo e a Frei Leão que me venham cantar a visita da Irmã Morte’. Vieram estes dois irmãos e, com muitas lágrimas, cantaram o Cântico do Irmão Sol” (LP, n. 100).

Lembrou-se ainda da senhora Jacoba em Roma. “Pedi-lhe sobretudo que vos mande o pano para uma túnica [...] e daquele doce que me preparou tantas vezes”. [...]

A Senhora Jacoba disse aos frades: ‘Irmãos, quando estava a rezar, foi-me dito em espírito: vai, sem perda de tempo, ver o teu pai, o Bem-aventurado Francisco. [...] Leva contigo tal espécie de pano e as

coisas necessárias para fazer tal doce...” (LP, n. 101).

Em seguida pediu a presença de Frei Bernardo. Este veio e lhe pediu a bênção! “O Bem-aventurado Francisco não conseguia vê-lo, porque já há dias perdera de todo a vista.

Estendeu a mão direita sobre a cabeça de Frei Egídio. [...] Tateando como um cego a cabeça de Frei Egídio, por inspiração do Espírito Santo, logo percebeu e disse: ‘Esta não é a cabeça do meu Frei Bernardo’. Então, Frei Bernardo aproximou-se um pouco mais. O Bem aventurado Francisco, pondo-lhe a mão sobre a cabeça, abençoou-o. Depois disse a um dos companheiros: ‘Escreve como te digo: O primeiro irmão que o Senhor me deu foi Frei Bernardo, [...] sinto-me obrigado a amá-lo mais que a todos os outros. [...]. Quero, portanto, e ordeno, quanto posso, que o ministro geral [...] o ame e considere, como a mim mesmo” (LP, n. 107).

E ainda mandou escrever à irmã Clara: “Fique ela ciente que, antes de morrer, me hão de ver, ela e as suas irmãs, com o que sentirão grande alegria” (LP, n. 111).

“Sentindo já próximos seus últimos dias, [...] disse aos frades: ‘Fiz o que tinha que fazer. Que Cristo vos ensine o que cabe a vós!’

Vendo isso, os filhos, em meio a intensas lágrimas e dando suspiros profundos, sucumbiram à dor demasiada. O guardião, contendo os soluços, e tendo conhecimento do que o santo queria, por inspiração divina, levantou-se depressa, pegou as calças, o hábito de saco e o capuz, e disse ao pai: ‘Fica sabendo que te empresto, em virtude da obediência, este hábito, as calças e o capuz! Para saberes que não tens nenhum direito de propriedade, tiro-te o poder de dá-los a quem quer que seja’. [... Ele estava deitado no chão, sem roupa de saco, voltando o rosto para o céu e cobrindo a chaga do lado com a mão.]

Estando todos os frades sentados ao seu redor, estendeu sobre eles a mão, [...] impôs a mão sobre a cabeça de cada um, e disse: ‘Filhos todos, adeus no temor do Senhor! Permanecei sempre nele! A tentação e a tribulação estão para chegar. Felizes os que perseverarem no que começaram. Eu vou para Deus, a cuja graça recomendo-vos todos’”, e abençoou-os (2C, 2º livro, cap. 162, n. 214s).

“Estando os frades a chorar amargamente e a se

lamentar sem consolação, o pai santo mandou trazer um pão. Abençoou-o, partiu-o e deu um pedacinho para cada um comer” (2C, 2º livro, cap. 163, n. 217).

“Parecia aos frades que, tal como o Senhor na Quinta-feira Santa quis comer com os seus apóstolos, também o Bem-aventurado Francisco queria abençoá-los, e neles, todos os frades, antes de morrer...” (LP, n. 117).

“Também mandou trazer um livro dos Evangelhos e pediu que lessem o Evangelho de São João a partir do trecho que começa: ‘Antes do dia da festa da Páscoa’, etc. Lembrava-se daquela sagrada ceia que foi a última celebrada pelo Senhor com seus discípulos. [...]

Ele mesmo, quanto lhe permitiam as suas forças, entoou o salmo: ‘Lanço um grande brado ao Senhor, em alta voz imploro o Senhor’, etc. [...]

E [disse] aos frades: ‘Quando perceberdes que cheguei ao fim, do jeito que me vistes despido antes de ontem, assim colocai-me no chão, e lá me deixai ficar mesmo depois de morto, pelo tempo que alguém levaria para caminhar uma milha, devagar” (2C, 2º livro, cap. 163, n. 217).

“Depois, mandou que o deitassem por cima de um cilício e jogassem cinzas por cima, porque dentro em breve seria pó e cinza” (1C, 2º livro, cap. 8, n. 110).

“E assim chegou a hora. Tendo completado em si mesmo todos os mistérios de Cristo, voou feliz para Deus” (2C, 2º livro, cap. 163, n. 217).

“Sábado à tarde, depois de Vésperas, antes do cair da noite, em que o Bem-aventurado Francisco morreu, um bando de cotovias volteava em círculos, cantando, pouco acima do teto da casa onde ele jazia moribundo” (LP, n. 110).

“Um frade seu discípulo, muito famoso, viu a alma do santíssimo pai como uma estrela, com o tamanho da lua e a claridade do sol, estendendo-se sobre o abismo das águas, levada em cima de uma nuvenzinha branca e subindo direto para o céu” (2C, 2º livro, cap. 163, n. 217a).

“Acorreram as multidões louvando a Deus e dizendo: ‘Louvado e bendito sejas, Senhor nosso Deus, que a nós indignos confiaste tão santo espólio! Louvor e glória a ti, Trindade inefável’” (1C, 2º livro, cap. 9, n. 112).

Epílogo

Seja-me permitido agora exclamar: “Como é glorioso este santo, cuja alma um discípulo viu subir ao céu!”

Bela como a luz, escolhida como o sol, subindo numa nuvem branca, brilhava com toda a glória.

Ó glorificação do insigne anúncio, não deixes teus filhos desamparados, embora já não estejas mais revestido de carne semelhante à nossa. Sabes, sabes de verdade as dificuldades em que foram abandonados àqueles a quem só a tua feliz presença libertava misericordiosamente, a qualquer momento, dos trabalhos sem conta, e cheio de misericórdia; que sempre estavas pronto com bondade a ter compaixão e a perdoar os teus filhos que pecavam.

“Lembra-te piedoso dos pobres filhos para os quais mal sobrou alguma consolação depois que te foste, tu que eras o único e especial consolo. [...]

‘Apresenta, ó pai, a Jesus Cristo, Filho do Sumo Pai, os teus sagrados estigmas, e mostra os sinais da cruz no lado, nos pés e nas mãos, para que Ele se digne ter misericórdia de mostrar suas próprias chagas ao Pai, que, na verdade, por causa disso,

sempre se deixará aplacar por nós, pobres. Amém! Assim seja! Assim seja!” (1C, 2º livro, cap. 10, n. 118).

Um anjo comunicou a São Francisco quatro preciosos privilégios:

“A Ordem e o estado de frade menor não desapareceriam até o dia do juízo final; ninguém que perseguisse de modo proposital e deliberado a Ordem viveria longo tempo; ninguém que deliberadamente quisesse viver mal permaneceria na Ordem por muito tempo; quem amasse a Ordem de todo o coração, embora pecador, obteria a misericórdia final” (Sp, cap. 79).

Índice

Introdução	7
Siglas	9
I Algo do retrato físico de São Francisco de Assis	11
II O penoso caminho da conversão de Francisco de Assis	12
III Sua vida segundo o Evangelho	17
1. Serafim abrasado do amor divino – I	17
2. Serafim abrasado do amor divino – II	22
3. Zeloso imitador de Cristo	27
4. Francisco, homem da santa oração – I	29
5. Francisco, homem da santa oração – II	32
6. Francisco, homem da santa oração – III	34
7. São Francisco, o grande penitente – I	37
8. São Francisco, o grande penitente – II	39
9. O culto à Santa Regra	42
10. São Francisco e a Divina Eucaristia	45
11. “Sou o arauto do grande Rei” – I	48
12. “Sou o arauto do grande Rei” – II	50
13. “Sou o arauto do grande Rei” – III	54
14. Mártir pelo desejo	57
15. Salve, Mestre	60
16. O ideal da santa pobreza – I	61
17. O ideal da santa pobreza – II	64
18. O ideal da santa pobreza – III	66

19. A humildade de São Francisco – I	68
20. A humildade de São Francisco – II	70
21. A simplicidade de São Francisco	75
22. A obediência de São Francisco	78
23. A paciência de São Francisco	80
24. “Bem-aventurados os puros de coração”	84
25. “E eu trabalhava... e quero trabalhar” – I	87
26. “E eu trabalhava... e quero trabalhar” – II	90
27. Convivência fraterna – I	92
28. Convivência fraterna – II	95
29. Gestos de caridade e de compaixão – I	97
30. Gestos de caridade e de compaixão – II	100
31. “Que o Senhor te dê a paz!” – I	103
32. “Que o Senhor te dê a paz!” – II	105
33. Oração	108
34. Com Cristo pregado na cruz – I	108
35. Com Cristo pregado na cruz – II	111
36. “Salve, ó Senhora santa...Mãe de Deus!” – I	112
37. “Salve, ó Senhora santa...Mãe de Deus!” – II	115
38. “Vós sois a Alegria e o Júbilo!” – I	117
39. “Vós sois a Alegria e o Júbilo!” – II	120
40. “Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas!” – I	123
41. “Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas!” – II	126
42. O Cântico do Irmão Sol	128
43. No lagar da vida: tribulações e tentações	131
43. 1. Sofrimentos corporais	131

43.2. Sofrimentos espirituais	133
43.3. No combate das tentações	137
43.4. Amparo aos irmãos tentados	138
44. A despedida do pai	141
Epílogo	148